

Cinco Debates, uma Grande Estratégia

Alexandre Carriço

Tenente-Coronel de Infantaria. Assessor de estudos e investigador do Instituto da Defesa Nacional.

Resumo

O artigo analisa as diferenças metodológicas ocidentais e chinesa na formulação da “grande estratégia”. Através da leitura de artigos e livros publicados por investigadores chineses associados aos mais relevantes *think tanks*, instituições universitárias e órgãos do governo e do Exército Popular de Libertação, e adotando um critério de relevância e autoridade institucional bem como de prestígio dos autores, descrevem-se os campos em confronto relativamente à existência ou não de uma “grande estratégia” por parte da China.

Subsequentemente descrevem-se as quatro vagas de debate interno acopladas ao pressuposto de que existe uma “grande estratégia” da China as quais tiveram lugar durante a última década: a primeira sobre a terminologia da “grande estratégia de desenvolvimento pacífico”; a segunda sobre o conceito de “mundo harmonioso”; a terceira sobre os novos emolumentos à envolvente internacional (com enfoque no estatuto de primazia dos Estados Unidos após a crise financeira de 2008); e a última associada ao seu denominado “rebalancing para a Ásia”. As duas últimas vagas de debate deixam implícita a necessidade de ajustamentos de curto e médio prazo na “grande estratégia” de Pequim.

Abstract

Five Debates, One Grand Strategy

The article addresses the differences between Western and Chinese methodological approaches orbiting the formulation of a national grand strategy. Adopting a relevance criterion, articles and books published by senior Chinese researchers, academics and military officers, affiliated to China's most influent think tanks are analyzed, emphasizing the ongoing debate between two camps over the existence or not of a China's grand strategy.

Subsequently are described the four waves of internal debate coupled to the assumption that there is a “grand strategy”, which took place during the last decade, respectively over the concepts of China's “peaceful rise”, “harmonious world”, the 2008 financial crisis and its impact on the United States perceived primacy, and finally its recent “rebalancing to Asia”. It is argued that the last two waves of debate imply the need for adjustments in the short and medium term of Beijing's “grand strategy”.

Grande estratégia é uma expressão que evoca associações históricas tão instantâneas quanto fáceis, como a Guerra do Peloponeso, a *realpolitik* de Bismark, ou a Grande Aliança da Segunda Guerra Mundial, todas analisadas em obras sobre as grandes estratégias de alguns dos mais poderosos Impérios e Estados (Kennan, 1950; Luttwak, 1979 e 1983; Gaddis, 1982; Kennedy, 1988; Pflanze, 1990; Kagan, 2003; Samuels, 2003; Hill, 2010; Deudney e Ikenberry, 2012), sendo a República Popular da China (RPC) o mais recente alvo desta lupa analítica (Robinson e Shambaugh, 1997; Swaine e Tellis, 2000; Goldstein, 2006; Sujian, 2006; Lampton, 2008; Ye, 2011; Odgaard, 2012; Luttwak, 2012).

Esta fenomenologia derivou do crescente impacto e influência de Pequim, resultante da sua impressionante ascensão em termos de “poder nacional abrangente” (*zhonghe guoli*), sob a denominação oficial de “desenvolvimento pacífico” (*heping fanzhan*).

No entanto, menos mediatizado tem sido o extenso e intenso debate interno sobre a existência ou não de uma grande estratégia da China bem como sobre alguma da terminologia conceptual associada a esta (*i.e.* ascensão pacífica, mundo harmonioso), as opções do país após a crise financeira de 2008 nos Estados Unidos da América (EUA) e o chamado “*rebalancing to Asia*” desde finais de 2011.

Estas diatribes têm levantado algumas questões quanto ao posicionamento e atuação futura da China sob o novo contexto geopolítico global de transição de preponderância de poder do Atlântico para o Pacífico e qual a sua interação futura com os EUA: será a grande estratégia (oficiosa) de “desenvolvimento pacífico” adequada face à sua gradual maior preponderância global? Que tipo de papel desempenhará o país no seio de um sistema internacional que deseja “harmonioso”, mais concretamente na Ásia-Pacífico? Será o “século do Pacífico” efetivamente liderado pelos Estados Unidos, pela China, por ambos, ou ambos e mais alguns? Se sim, como será operacionalizada a grande estratégia da China?

Julga-se importante acompanhar e avaliar este tipo de debates internos pois permitem interpretar as diferentes perspetivas relativas à condução da sua grande estratégia, bem como validar, ainda que numa base *ad hoc*, os ajustamentos que esta irá obrigatoriamente sofrer nos próximos anos.

A presente análise divide-se em sete secções. Começamos por estabelecer uma distinção entre a metodologia ocidental e chinesa na formulação de uma grande estratégia. De seguida e através da leitura de artigos e obras publicados por investigadores chineses associados aos mais relevantes *think tanks*, instituições universitárias e órgãos do governo e do Exército Popular de Libertação – adotando um critério de relevância e autoridade institucional bem como de

prestígio individual dos autores¹ de acordo com o preceituado por Shambaugh (2002), Glaser e Saunders (2002) e Gill e Mulvenon (2002) – descrevem-se sumariamente os dois campos em confronto relativamente à existência ou não de uma grande estratégia, analisando-se subseqüentemente as quatro vagas de debate interno acopladas a esta, as quais tiveram lugar na última década. A primeira vaga (2001-2004) sobre a terminologia da grande estratégia de “desenvolvimento pacífico”; a segunda (2005-2006) sobre o conceito/visão de “mundo harmonioso”; e as duas últimas sobre os novos emolumentos à envolvente internacional, ambas com um enfoque na primazia dos EUA resultante tanto da crise financeira de 2008 (2008-2010), como na definição em finais de 2011 da Ásia como área regional prioritária da sua política externa (2011-2013), as quais implicarão ajustamentos na grande estratégia da China como se enfatiza nas observações conclusivas.

O Debate sobre a Existência ou Não de uma Grande Estratégia

Segundo a conceção tradicional ocidental, a grande estratégia gere os nexos causais entre os objetivos estratégicos de um Estado e os meios necessários à sua consecução. Para Barry Posen, “a grande estratégia é a conceptualização da forma como um Estado melhor pode alcançar a sua segurança sob constrangimentos nacionais e internacionais ao nível dos recursos” (Posen e Ross, 1996: 5-53)².

Christopher Layne (2006: 19-22) define a grande estratégia de um Estado como “a visão geral dos seus objetivos de segurança e a determinação dos meios mais adequados para os atingir, o que depende da avaliação da distribuição de poder, da localização geográfica e das capacidades militares próprias e dos outros”. O mesmo Layne (1993: 5-51) estabelece uma metodologia prática de aferição da grande estratégia assente num processo de três passos: “determinar os interesses vitais de segurança de um Estado; identificar as ameaças a esses interesses; e decidir sobre qual a melhor forma de aplicar os recursos políticos, militares e económicos para proteger esses interesses”³.

Esta definição é distinta da avançada por alguns dos mais prestigiados estrategistas chineses, que tendem a adicionar a noção de “visão particular” (*tebie shi shili*) à melhor forma de servir e defender os interesses nacionais (Yan, 1996; Chu, 1999;

1 Para um critério de categorização do grau de autoridade das fontes chinesas ver Swaine (2012b, notas 2 e 3).

2 Existem muitas outras definições mas que não variam substancialmente desta ou da de Colin Gray (2009: 82) que a refere como sendo “o emprego de todos os recursos disponíveis a um Estado ou outra qualquer forma de segurança comunitária, na prossecução de objetivos políticos comuns”. Ver também Kennedy (1991: 1-7).

3 Ver também Metz (2008).

Peng e Yao, 2005: 32-33; Liu, 2004 e 2005; Chen e Xia, 2004; Yan e Sun, 2005; Yang, 2005; Liu, 2010).

Ou seja, a formulação da grande estratégia depende da forma como os seus líderes percecionam e “aferem” o funcionamento do sistema internacional.

Para formularem uma grande estratégia coerente, os líderes devem concretizar duas tarefas: selecionar a estratégia adequada ao poder nacional e às tendências de evolução do sistema internacional; e ser capazes de gerirem desafios e riscos inevitáveis e inesperados que se deparem ao longo do tempo de implementação dessa grande estratégia. Tal pressupõe uma análise holística tanto do presente como das tendências de evolução futuras a médio/longo prazo, possivelmente com maior acuidade que a conduzida em países ocidentais, pois como refere Richard Nisbett (2003: xxi-xiii), existe entre asiáticos e ocidentais um quadro psicológico e mental distinto que modela as diferentes formas de perceção e de pensamento:

“Os chineses acreditam na mudança constante, com avanços e recuos. Têm em atenção a um conjunto de eventos e procuram inter-relações entre os objetos [físicos, animais, e humanos] defendendo que não se consegue entender uma parte sem se compreender o todo, que por si é mais complexo do que parece. Os ocidentais vivem num mundo mais simples e determinista, focando a sua atenção nos objetos e nos indivíduos em detrimento da envolvente, julgando que podem controlar os acontecimentos porque conhecem as regras que governam o comportamento desses objetos”⁴.

Estas diferenças podem ser uma consequência do emprego de distintos instrumentos relativos à compreensão do mundo. Com efeito, enquanto os chineses desenvolveram um pensamento dialético para compreenderem as relações entre objetos e acontecimentos contextualizando-o, o pensamento lógico da herança ocidental grega privilegiou os nexos causais onde o importante é os objetivos / fins e não os processos. Em suma, o pensamento estratégico oriental é mais orgânico, flexível, menos mecanicista e determinista que o ocidental, pois reconhece que existe um conjunto alargado de fatores e de forças que estarão sempre fora do controlo do mais arguto e resolutivo estrategista. A qualidade deste assentará na sua capacidade em percecionar corretamente a situação e a “propensão das coisas” ou tendências, explorando-as em proveito próprio. Um estrategista chinês não elabora um plano minucioso de projeção do futuro que leve a fins pré-determinados para posteriormente definir a melhor aplicação dos meios que considere adequados para atingir desiderato. Ao invés, começa por efetuar uma avaliação das forças

4 Para uma observação elogiosa de Zbigniew Brzezinski à “extrema sagacidade” político-diplomática chinesa – e uma crítica ao défice dessa sagacidade por parte dos EUA – ver Luce (2012).

em presença de modo a poder retirar o máximo proveito dos fatores favoráveis associados a esta situação, explorando-os constantemente, independentemente das circunstâncias e obstáculos que possa ter de enfrentar.

A virtude não está assim na força e na decisão, mas na sabedoria e na perspicácia, sublinhando-se que quem compreende realmente a forma como o sistema internacional funciona despenderá menos tempo a planear e mais tempo a efetuar avaliações das tendências e dos desenvolvimentos destas resultantes (*assessments*). Assim pode-se justificar, ainda que parcelarmente, porque é que os estrategistas chineses enfatizam mais os estudos de avaliação da situação do seu país em detrimento da prescrição de políticas a seguir. Este comportamento coaduna-se com o facto de não existir uma referência oficial *ipsis verbis* à condução de uma grande estratégia por parte da China, mas não impede que exista um conjunto de consensos analíticos e políticos que permitem operacionalizar uma série de ações capazes de rentabilizar em prol do interesse nacional as atuais e potenciais tendências evolutivas das forças dialéticas do sistema internacional.

Neste contexto, um estrategista chinês procura responder a três questões: quais são as tendências dominantes da atualidade? Qual é a distribuição de poder no sistema internacional contemporâneo? Quais são as fontes dos maiores desafios, riscos e ameaças à China?

A grande estratégia chinesa – ainda que oficiosa – tem, compreensivelmente, na condução da política externa – entendida como a aplicação de meios diplomáticos, militares e económicos por parte de um Estado com o objetivo de desenvolver e proteger os seus interesses – um instrumento fundamental. Ao contrário da sua congénere norte-americana que é mais restrita no enfoque porque lida com os nexos causais entre estes três tipos de meios e os objetivos de segurança de um Estado em cima referidos, a da China é mais ampla porque gere a relação de forças e os fatores que a modelam. É este enfoque numa lógica integrada de avaliação de tendências e dos objetivos de segurança nacional (interesses vitais) sob uma perspetiva holística que a torna distinta da sua congénere norte-americana⁵.

Concomitantemente a avaliação da constante fluidez dos riscos e ameaças que se colocam aos interesses vitais do país levam-nos a serem identificados de acor-

5 A envolvente externa (*shi*) é um dos três pilares fundamentais para uma boa compreensão e condução de uma estratégia de segurança nacional e uma política externa – sendo os outros dois a identidade nacional e a estratégia. A compreensão do *shi* tem sofrido uma evolução acentuada nos últimos dez anos tendo-se tornado mais plural e diversificado, que apesar de ser perçcionado como geralmente mais positivo para a China faz com que esta comece agora a ter de enfrentar situações mais complexas e difíceis no seio do sistema internacional (Zhu, 2010: 11-12). Existem também estudos interessantes que procuram adaptar e validar a visão de Sun Tzu e do *Mozi* ao atual sistema internacional (Yan, 2008; Li, 2008; Peng e Yao, 2005: 49-53)

do com a seguinte ordem: defesa da integridade territorial, na salvaguarda da defesa nacional, na defesa da soberania nacional, no desenvolvimento nacional, na defesa estabilidade nacional e na defesa da dignidade nacional (Peng e Yao, 2005: 39-43).

Não obstante esta extrema sistematização, tal não torna a decomposição da grande estratégia da China numa tarefa necessariamente mais fácil, o que é ilustrado pelo facto de existirem acérrimos debates internos entre instituições do Partido Comunista Chinês (PCC), governamentais, militares, universitárias e *think-tanks* quanto à sua denominação e como deve ser conduzida e ajustada, refletindo uma grande diversidade de perspetivas, o que obriga a um exercício de análise com base na confrontação entre a argumentação discursiva e o padrão comportamental da sua política externa.

De forma redutora, pode-se afirmar que estes debates expressam a existência de dois grandes campos argumentativos, denominados respetivamente por “internacionalistas cooperativos” e “novos nacionalistas” (Lampton, 2008: 14).

O primeiro campo, liderado por Wang Jisi (2011: 68) e Ding Gang (2009), questiona – devido à perniciosidade do conceito de grande estratégia – a sua existência efetiva⁶, justificando a sua argumentação pela dificuldade existente em conciliar a retórica de “desenvolvimento pacífico” e de “mundo harmonioso” com a prática, num sistema internacional que é entendido como anárquico, Lockeano e propenso ao conflito (Carriço, 2012: 138).

O segundo, liderado por Ye Zicheng (2011) e Yan Xuetong (2009), advoga que ela existe e designa-se por “ascensão/desenvolvimento pacífico”, sendo assim consoante com a afirmação de Edward Luttwak (2001 e 2009) de que “todos os Estados – consciente ou inconscientemente – têm uma grande estratégia” (ainda que nem todas sejam criadas da mesma forma).

Concomitantemente, a análise da “grande estratégia (oficiosa)” da China deve ser aduzida de acordo com a aferição de um consenso alargado existente entre a liderança política, diplomática e militar chinesa expressando a importância em equilibrar operacionalmente duas grandes dimensões interdependentes: uma interna e outra externa, ambas com um fio condutor comum – a persistência da memória histórica do “século da humilhação”. As quatro vagas de debate sobre a grande estratégia nacional que analisamos de seguida, refletem em muito esta lógica.

6 Wang Jisi levanta três questões: Quais são os interesses vitais do Estado chinês? Que forças externas os ameaçam? O que pode fazer a liderança nacional para os salvaguardar? Provavelmente Wang refuta a existência de uma grande estratégia da China porque a forma como coloca a questões de partida são diferentes – por se basearem numa formulação mais ocidental – das que são colocadas pela maioria dos seus congéneres chineses.

A Grande Estratégia de “Desenvolvimento Pacífico” (*heping fazhan*)

Os primeiros esboços associados à visão e implementação de uma “grande estratégia de Desenvolvimento Pacífico” ter-se-ão iniciado aquando do 3.º Plenário do 11.º Comité Central do PCC em dezembro de 1978 com a aprovação de conceitos como os de “reforma e abertura” (*gaige kaifang*) e de “desenvolvimento da economia como tarefa central” (*jingji fazhan zuowei zhongxin renwu*) e a posterior visão estratégica de Deng Xiaoping formulada em 1982 de que a tendência mundial seria cada vez mais a “paz e o desenvolvimento”.

Em setembro de 1989, Deng propôs a condução de uma política externa de “paz e desenvolvimento” assente numa “mantra de 28 carateres”, ao abrigo da qual o país deveria “observar calmamente as situações; defender a sua posição; fazer face às mudanças com confiança; dissimular as suas capacidades e aguardar pela sua oportunidade; manter um *low profile* intencional; evitar protagonismos; e ser pro-activo” (*lengjing guancha; wenzhu zhenjiao; chenzhuo yingfu; taoguang yanghui; shanyu shouzhuo; juebu dangtou; yousuo zuowei*) (Yong, 2008: 41).⁷

A sua operacionalização foi necessariamente gradativa mas sofreu dois incrementos qualitativos substanciais. Primeiro – e numa dimensão interna – a partir de 1992, após a sua “visita de inspeção” (*nanxun*) ao Sul da China, que potenciou a libertação dos constrangimentos políticos internos ao desenvolvimento de um “Leninismo de mercado” ou de um “capitalismo com características chinesas”. Numa segunda fase – e numa dimensão externa – a partir de 1997, resultado da assimilação percetiva das consequências negativas para Pequim e para a segurança regional da crise sino-americana no Estreito Taiwan em 1995-1996 e da crise financeira asiática de 1997, num período onde ainda estavam vivamente presentes na memória da comunidade internacional a supressão das manifestações de Tiananmen em 1989 que levaram a um embargo político, diplomático e económico por parte daquela a Pequim. O resultado foi a definição e a adoção de um “Novo Conceito de Segurança” (*Xin Anquan Guan*) no final de 1997⁸.

A sua prática tem sido flexível e abrangente, assentando na participação ativa, na contenção de comportamentos, na oferta de garantias, na defesa de um mer-

7 Para uma discussão sobre a tradução desta “mantra” e a forma como muitas vezes é mal interpretada no Ocidente ver o artigo do influente General Xiong Guangkai (2010: 55-59). *Taoguang yanghui* tem três significados possíveis: (1) *wo xi changdan* – sofrer bastante e esperar pela vitória; (2) esconder as capacidades e evitar a liderança; (3) manter um *low profile*. Ver ainda Jingbian (2005).

8 Assente em “quatro pilares e em quatro não’s”: segurança cooperativa, segurança abrangente, segurança coordenada e segurança comum (*hezuo anquan, zhonghe anquan, xietiao anquan he gongtong anquan*). Como “quatro não’s” temos: não à hegemonia; às políticas de poder; à corrida ao armamento; e às alianças militares (Zhu, 2000: 11-15).

cado de comércio livre, na interdependência, na criação de interesses comuns e na redução de conflitos (Zhang e Tang, 2005: 54).

O objetivo de médio prazo acoplado a esta grande estratégia parte de um pressuposto fundamental que interliga as duas dimensões referidas: a necessidade de salvaguarda da estabilidade externa e interna ao/e do país, alargando progressivamente o seu espaço e influência estratégica e diplomática para facilitar o contínuo acesso aos mercados, a capitais e a recursos naturais, potenciando o seu desenvolvimento e evitando no processo uma confrontação direta com os Estados Unidos ou outros países, durante uma “janela de oportunidade” (*jihui zhi chuang*) que Jiang Zemin definiu em novembro de 2002 como correspondendo às duas primeiras décadas deste século, finda a qual o país terá quadruplicado o seu Produto Interno Bruto (PIB) relativamente a 2000 (Jiang, 2002; Kuhn, 2010: 508).

Esta grande estratégia caracteriza o sistema internacional como tendencialmente multipolar (*duojihua*) e tem como desiderato um mundo desejavelmente “harmonioso”, ao abrigo do qual a China refuta a condução de políticas hegemónicas (*baquan zhuyi*) e advoga a paz e o desenvolvimento (*heping hu fanzhan*) internacionais.

De acordo com o *China’s Peaceful Development Road* de 2005 e o *White Paper on China’s Peaceful Development* publicado em 2011, o “desenvolvimento pacífico da China” parte de uma sedimentação ideológica histórica denominada de “socialismo com características chinesas”, que se desdobra em seis pilares operacionais de desenvolvimento: científico, independente, aberto, pacífico, cooperativo e comum. Estes visam a obtenção por meios pacíficos de capital, tecnologia e recursos que são essenciais à continuidade do seu desenvolvimento e à prossecução do desiderato de em 2020 a China “poder vir a ser uma sociedade moderadamente próspera e um país próspero em 2050” (Information Office of the State Council of the People’s Republic of China, 2005 e 2011).

Infere-se que o racional subjacente à grande estratégia da China é, na sua maior parte, autárquico e direcionado para a manutenção do crescimento económico e a preservação da estabilidade interna, reconhecendo-se no entanto, que uma envolvente externa estável é igualmente primordial para tal desiderato.

Não obstante, este consenso quanto aos objetivos não impediu nem impede a ocorrência de debates internos relativamente à semântica empregue para caracterizar a grande estratégia do país bem como a necessidade de se efetuarem “reajustamentos táticos” à condução da mesma, em virtude da perceção de uma alteração relativa na “métrica de poder” da China face à superpotência norte-americana, resultado de uma recente maior assertividade geoestratégica de Washington na região da Ásia-Pacífico.

2001-2004: a Primeira Vaga de Debates – “Ascensão vs Desenvolvimento Pacífico”

Em finais do século XX já não era possível à China continuar a negar o seu poder ainda que continuasse a aplicar *tout court* a “mantra de 28 caracteres” de Deng Xiaoping.

Em 1998 Yan Xuetong, (atual diretor do Instituto de Estudos Internacionais da Universidade *Tsinghua*) deu origem a um acérrimo debate interno ao avançar com o conceito de “ascensão da China”⁹. Nos três anos que se seguiram, o conceito foi burilado e paulatinamente mediatizado – tanto interna como externamente – por Zheng Bijian (2006), o então vice-presidente da Escola do Partido do Comité Central do PCC, que liderou um projeto de investigação financiado pela mesma e levou à sua subsequente reformulação denominativa em “ascensão pacífica da China”, bem como à publicação desta conceptualização em revistas como a *Liaowang* (Perspetiva) e a *Xuexi shibao* (Tempos de Estudo). Esta foi considerada como “correta e apropriada” pelo PCC¹⁰, vindo a ser adotada internamente por Hu Jintao aquando das celebrações do centésimo décimo aniversário de Mao Zedong em 26 de dezembro de 2003, mas curiosamente divulgada a audiências externas um mês antes por Zheng Bijian no Fórum de Boao e no início de dezembro por Wen Jiabao, aquando de uma conferência na universidade de Harvard (Harvard University Gazette, 2003; Glaser e Medeiros, 2007: 298; Shirk, 2007: 108).

Intitulado na versão original de Zheng como “O Caminho de Desenvolvimento da Ascensão Pacífica da China” (*Zhongguo Heping Jueqi de Fazhan Daolu*), argumentava que apesar de a história demonstrar que no passado a ascensão rápida de outros países havia potenciado a eclosão de guerras mundiais, a cultura estratégica milenar da China em conferir privilégio ao diálogo e à resolução pacífica de conflitos, não faria dela uma potência revisionista mas antes uma defensora do *status quo* sendo a sua “ascensão pacífica o mesmo que desenvolvimento pacífico”¹¹.

9 Largos trechos desta obra resultam do livro publicado dois anos, “Os Interesses Nacionais da China” o qual recebeu o prémio literário da China em 1998. Este livro está traduzido em inglês e disponível em http://cns.miis.edu/books/pdfs/China_national_interests.pdf.

10 Uma versão condensada em inglês, publicada pelo Brookings Institute sob o título de *China's Peaceful Rise: Speeches of Zheng Bijian, 1997-2004* está disponível em <http://www.brookings.edu/fp/events/20050616bijianlunch.pdf>.

11 Esta estratégia é caracterizada não pelo que inclui – só determinado no futuro – mas antes pelas possibilidades que exclui. Pequim explicitou seis garantias: (1) não procura da criação de uma nova ordem internacional, optando antes pela adesão à ordem vigente; (2) não procura de uma hegemonia regional ou global, pelo que as suas forças armadas não ameaçariam ou intimidariam outros países; (3) a sua ascensão não seria instrumentalizada para maximizar as suas reivindicações territoriais marítimas, preferindo a resolução diplomática das mesmas no plano bi e multilateral; (4) a sua ascensão não fará com que o crescimento económico seja transferido

O conceito apoiava-se em três princípios: reformas económicas e políticas centradas no aprofundamento da economia socialista de mercado; cultura e civilização chinesa em interação simbiótica com a civilização humana; e equilíbrio entre os interesses dos diversos setores internos (urbano *vs* rural, entre as suas regiões, entre a sociedade e a economia, e entre o homem e a natureza) (Zheng, 2003).

Apesar da aparente percepção sobre a benignidade externa e consensualidade interna destes três princípios, o conceito potenciou um aceso debate, resultante da concatenação de diversos acontecimentos no plano internacional que afetaram diretamente as perceções da China face aos EUA (*e.g.* o bombardeamento acidental da embaixada chinesa em Belgrado em 1999 por parte de aviões norte-americanos integrados na operação da NATO *Allied Force*; o incidente em abril de 2001 com um avião EP-3 norte-americano; e por fim, e mais importante, os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 e a sua adesão formal à Organização Mundial de Comércio em finais do mesmo ano (Wang, 2003: 7-29).

No plano interno, este foi um período de transição periclitante na liderança política após o 16.º Congresso do PCC, em outubro de 2002, resultante em parte do facto de apesar de Hu Jintao ter assumido a liderança do PCC e da China, Jiang Zemin ter continuado a presidir à Comissão Militar Central até 2004, o que pode justificar a inédita ampla abertura dada à mediatização das diversas posições das fações políticas ante ao conceito, para não referir a assertividade por vezes excessivamente crítica de algumas delas.

Essencialmente o que estava subjacente ao debate era tanto a continuidade do crescimento de poder da China e do seu estatuto internacional como o redireccionamento das prioridades dos EUA – aliviando uma crescente pressão geopolítica que tinha vindo a exercer sobre Pequim até 2001 – o que justificava agora uma reformulação parcelar do conceito de Deng Xiaoping de forma a se poder tirar partido de um período oportunidade estratégica até 2020 (Blum, 2003: 239-264). Este período foi definido como estando assente no pressuposto da continuidade do empenhamento norte-americano no combate ao terrorismo; na erosão relativa do seu *soft power*; na persistência da crise económica do Japão; na cada vez maior probabilidade da ocorrência de crises económicas e financeiras regionais, que projetaram a China para um papel preponderante, ainda que involuntário; na possibilidade de aproveitamento de oportunidades em regiões de importância geoestratégia para a China e que estavam a ser negligenciadas pelo Ocidente (*e.g.* África, Sudoeste asiático e América do Sul); na percepção de uma transferência paulatina do centro

em prol de uma acumulação de poder militar similar ao da União Soviética; (5) a sua ascensão não irá prejudicar as economias de outros países em favor da sua, respeitando o normativo da Organização Mundial de Comércio; e (6) não recorrerá à força desde que a identidade de Taiwan como província da China não seja alterada (Zheng, 2006: 202).

de gravidade do sistema internacional para a região da Ásia-Pacífico e no aprofundamento de uma tendência no sentido de uma multipolaridade no sistema internacional (Guo, 2003: 41-45; Feng, 2003: 1-17; Li, 2003: 1-8; Ni, 2004: 3-3-17; Ruan, 2007: 16-24).

Não obstante, a consistência, validade e aplicabilidade deste conceito não deixaram de ser contestadas no plano acadêmico interno (Suettinger, 2004). Três campos argumentativos foram rapidamente demarcados: os apoiantes da linha oficial do PCC; os que albergavam dúvidas quanto à aplicabilidade à China do conceito tipicamente ocidental de ascensão, defendendo que seria melhor aprofundar uma teoria com base nos particularismos do modelo de desenvolvimento chinês; e os discordantes, que consideravam o conceito como sendo “ridículo”.

Independentemente das divergências entre os três grupos, foi notada uma certa homogeneidade na forma como todos enfatizaram mais ou menos assertivamente a excecionalidade sócio-cultural dos valores filosóficos e do pensamento chinês subjacentes a esta visão estratégica de uma China “em situação de igualdade com outras grandes potências no seio do sistema internacional, a qual poderia trazer mais e melhores contributos para a paz mundial” (Ruan, 2004).

Reconhecia-se também a possibilidade desta visão estratégica não ser cooptada e/ou compreendida devidamente pelos outros atores do sistema internacional devido à argumentação assente no excepcionalismo civilizacional chinês, pelo que para o grupo dos apoiantes, a China deveria desenvolver ela própria uma nova teoria das relações internacionais para reforçar a validade deste conceito inovador (Jiang e Xia, 2004: 139-140¹²).

Esta “nova teoria” deveria englobar valores tipicamente Confucianos, como “unidade na diversidade” (*he er butong*)¹³, “a paz e o humanismo”¹⁴. Se o poder vem da moralidade e a moralidade da natureza, e se o tradicional sistema tributário integrava poder e moralidade – não existindo à altura o conceito de nação, Estado-nação, soberania ou sistema internacional (concepções ocidentais) – então, segundo ideário de “todos sob o céu” (*tianxia*), era natural que o Ocidente não compreendesse esta teoria chinesa de ascensão pacífica no sistema internacional, o que justificava por si a sua excecionalidade (Wang, 2005).

Dentro da mesma linha, autores advogaram que o país deveria abandonar a sua “mentalidade de vítima” (*shouhaizhe xintai*) e exponenciar a “cultura do dragão” (*long wenhua*) (Lu e Yong, 2004: 418-419) assente na harmonia (*hexie lun*) e na

12 Ver ainda Lynch (2009: 87-107), Zheng (2010: 293-321), Wang (1998: 302) e Ren (2000).

13 Derivado do conceito filosófico Confucionista de unidade entre o universo e o homem virtuoso (*jun he er butong*).

14 Estes dois associados ao Daoismo. Lao Zi advogava que se “devia deixar a natureza seguir o seu curso” (*wuwei erzhi*) e que “o poder advinha da natureza”.

possibilidade de existir simbiose no sistema internacional, apesar das suas contradições, da prevalência de estereótipos (*qian pian yulu*) e de conflitos mútuos (*huxiang chongtu*) (Jiang e Xia, 2004: 26-27). Esta vertente filosófico-sócio-cultural seria uma pré-condição (*qianti*) para a validação do conceito de “ascensão pacífica” onde a paz, a cooperação, o desenvolvimento, o progresso e os valores chineses eram essenciais na prossecução dos interesses comuns da humanidade (*gongtong liyi*). No entanto reconhecia-se também a existência de problemas associados ao facto de alguns comportamentos da China no sistema internacional não conseguirem ser devidamente explicados apenas pela sua cultura, nomeadamente pelo facto de o Confucionismo ser um conjunto de “valores otimistas e algo utópicos” que poderia por vezes ser prejudicial à consecução dos objetivos nacionais de cariz puramente racionalista.

De uma forma geral todos concordavam que o objetivo a longo prazo (*yuanki mubiao*) da China deveria ser o estabelecimento de uma ordem internacional justa e razoável (*gongzheng heli*) através da sua “ascensão pacífica”, sem necessidade de a modificar radical e abruptamente, adotando uma linha incrementalista capaz de potenciar a sua atual “oportunidade estratégica” (*zhanlue jiyu*), a sua confiança no plano internacional e o seu crescente poder económico global (Zou, 2005), de acordo com uma estratégia “pacífica de ida para o exterior” (*heping de zou chu qu*) (Wang, 2004; Tao, 2010; Jiang, 2011). Concomitantemente era necessária a defesa da paz a três níveis para que o país pudesse vir a assumir-se como uma potência global: ao nível do sistema internacional; ao nível do Estado chinês; e na interação deste com os outros atores. A ascensão da China deveria ser efetuada em três fases: fase preparatória (*ying zao jiedan*), onde o país contribuiria para preservação de uma periferia pacífica e estável prevenindo ações separatista no plano interno; fase de modelação (*suzao jieduan*), quando iniciasse a recuperação dos territórios perdidos; e fase económica e estratégica (*jingji zhanlue*), na qual a comunidade internacional aceitará a justiça e igualdade da nova ordem política e económica (Guo, 2004; Luo e Wang, 2005: 155-157; Yan, 2011).

Para o grupo intermédio – dos céticos quanto ao conceito –, a argumentação passou pela enfatização de uma certa vacuidade do mesmo, carente de uma dimensão ideológica (*yishi xingtai secai*). Para alguns advogados desta corrente, a definição de *jueqi* pressupõe ascensão (*shangsheng*) para uma posição de proeminência (*tuxian*) elevando a cabeça (*tai tou*). Isto significava que a China estava a revelar as suas intenções, o que era contraditório não só com o princípio de Deng Xiaoping de o país manter um *low profile*, como iria levantar suspeitas e desconfianças (*bu xinren*) entre os seus parceiros e competidores quanto às suas verdadeiras intenções e objetivos (Zhang, 2004).

Dentro deste grupo outros ainda encaravam esta ascensão com naturalidade, como fazendo parte de um determinismo histórico, ao abrigo do qual a China

estava na terceira fase de um ciclo de recuperação de um estatuto de preponderância global que perdeu no início do século XIX para o Ocidente¹⁵. Reconheciam no entanto os enormes obstáculos que se deparavam, nomeadamente a imperiosidade de se modernizar o Estado chinês numa fase em que internacionalmente se estava a assistir a uma transição de um período de Estados-nação para um de pós-Estados-nação (*yi ge houguojia de shidai*), onde o transnacionalismo imperava, pelo que um “liberalismo realista” (*xianshi de ziyou zhuyi*) assente tanto num pacifismo (*heping zhuyi*) como num liberalismo (*ziyou zhuyi*) por oposição a um hegemonismo (*baquan zhuyi*) era o melhor instrumento para a defesa do interesse nacional (Gao, 2004; Cui, 2012). Para outros, a China tinha de ultrapassar um conceito de ascensão de origem ocidental que ainda continha elementos realistas e estado-cêntricos (*guojia liyi de xianshi zhuyi*), nacionalistas (*minzu zhuyi*), “egoístas” (*ziwo*) e “megalómanos” (*dawo*) que subrepunham a política à economia e não o inverso (Li, 2004).

Por fim o grupo dos opositores argumentou que o conceito carecia de uma sólida fundamentação teórica e iria potenciar desconfianças e reações adversas no sistema internacional, porque uma tal ascensão significava ser-se forte e estar em oposição, sendo que as três situações em que o poder poderia ser empregue não eram – por enquanto – as mais favoráveis para a China: (1) a sua ascensão a potência regional mas não a superpotência; (2) um *balancing* da China e de outras potências face à hegemonia da superpotência; (3) um *balancing* da China e de outras potências emergentes face à primazia da superpotência.

Perante esta perspetiva realista, a paz que se sublinhava e se defendia, era apenas “um desejo e um sonho bonito (*yiwang he meili de mengxiang*) prenhe de utopia” (Chen e Xin, 2004), transmitindo a noção de: uma China fraca que hesitaria em recorrer ao emprego da força em caso de uma eventual declaração de independência de Taiwan; que menosprezava a reação dos EUA e seus aliados asiáticos a esta ascensão; que fragilizava o apoio interno à modernização do EPL; que entrava em choque com a visão operacional de Deng Xiaoping de o país manter um *low profile* internacional; que incentivava um nacionalismo potencialmente prejudicial aos objetivos do país; que não passava de um mero *slogan*, que estava enformada por um ideário *naïf* (*tianzhen de*) e, por fim; que poderia nunca vir a concretizar-se pois ainda era prematuro falar em tal “ascensão”, tais os desafios internos com que se confrontava¹⁶.

15 Entre 1400 e 1800 a China foi o centro da economia global; entre 1820 e 1950 perdeu este poder económico (*jingji daguo*); entre 1950 e 2020 acelerou o seu crescimento económico; e entre 2020 e 2050 irá ascender a grande potência económica (*jingji qiangguo*) (Hu, 2004: 2-3).

16 Para uma sistematização destes argumentos ver Glaser e Medeiros (2007: 302-306) e Lampton (2008:33).

Não obstante, e como sublinhou Yan Xuetong, “fossem nacionalistas ou comunistas, a maioria dos chineses consideraram a ‘ascensão pacífica’ um mecanismo legítimo associado ao reavivar da nação chinesa após décadas de humilhação” (Yan, 2005), contribuindo idealmente e segundo a “asserção moralista” de Jiang Ye, “para uma sociedade internacional mais civilizada” (Jiang, 2002: 55-68). Nas palavras do chefe de gabinete de informação do Conselho de Estado, Zhao Qizheng: a expressão “ascensão” teria como público-alvo os chineses e o termo “pacífica” os estrangeiros (Shirk, 2007: 109)¹⁷.

A polémica de natureza semântica levantada pelo conceito de “ascensão pacífica da China” e o *spin off* negativo que criou entre a comunidade internacional (“teoria da ameaça chinesa” – *Zhongguo weixie lun*) (Zhang, 1995; Zhang, 1999; Qiao e Wang, 1999)¹⁸ forçou Hu Jintao em novembro de 2003 e em fevereiro

17 Na mesma linha Liu Jianfei da Escola do Partido Comunista Chinês afirmou que “não havia necessidade de se gastarem energias sobre qual dos termos seria mais correto, pois ambos eram idênticos e expressavam um mesmo processo” (Glaser e Medeiros, 2007:301).

18 Qiao Liang e Wang Xiangsui eram Coronéis do EPL e a obra foi inserida numa linha editorial intitulada “Educação de Nível Nacional em Tópicos-Chave” (*Guojiaji Zhongdian Jiaocai*). A sua distribuição inicial foi muito limitada, restrita aos militares (*junmei faxing*) mas foi empregue como obra de consulta nos vários cursos ministrados a militares e civis na Universidade de Defesa Nacional (notas do autor aquando da frequência do *International Symposium on Asian Security, College of Defense Studies, National Defense University, PLA, Changping*, Outubro-Novembro de 2007). Na mesma altura surgiram livros publicados por jornalistas e académicos sobre a mesma temática. Os mais populares foram os de Cai (1996) e He (1996). A título de curiosidade, refira-se o regresso – após um intervalo de pouco mais de uma década – aos escaparates editoriais chineses de obras que reivindicam uma maior preponderância de poder da China no sistema internacional. Ainda que estejam longe de representar a atual estratégia do país, não deixam de ser ilustrativos quanto à “insatisfação” vigente entre alguns círculos elitistas e nacionalistas e da perceção de um maior poder relativo do país no sistema internacional. Em 1996 o livro *Zhongguo Keyi Shou bu* (A China Pode Dizer Não) da autoria de Song Qiang (jornalista, editor e argumentista), Song Xiao Jun (comentador televisivo nacionalista convidado com frequência pela CCTV e pela *Phoenix TV*), Wang Xiaodong (um gestor com formação universitária obtida no Japão), Huang Jisu (sociólogo e editor da versão chinesa da revista *Journal of International Social Science*) e Liu Yang (comentador conceituado de questões culturais, históricas e de economia) abriria o caminho, para em 1999 ser publicado o livro *Quanjihua Yinmou xia de Zhongguo zhi lu* (A China sob a Conspiração da Globalização) de Wang Xiaodong (um dos editores da influente revista *Zhanlue yu Guanli* (Estratégia e Gestão) – ligada ao EPL tendo sido extinta em 2004 por ter publicado um artigo bastante crítico quanto à política da China face à Coreia do Norte – e Fang Ning (professor da Universidade Normal de Pequim). O “clube da China Pode Dizer Não” voltou aos escaparates em 13 de março de 2009 com uma nova obra intitulada *Zhongguo bu Gaoxing* (China Descontente: Tempos Auspiciosos, uma Grande Visão e os Nossos Desafios). Apesar do novo sucesso de vendas, a agência noticiosa estatal *Xinhua* caracterizou a obra como “um conjunto de críticas e ob-

de 2004, a convocar os 24 membros do Politburo e alguns dos representantes de cada um destes campos de debate para duas reuniões restritas, crendo-se que estes dois eventos tenham estado na base do facto de em abril de 2004 no Fórum de Boao, Hu Jintao não ter feito qualquer referência ao conceito, optando por enfatizar as primeiras *nuances* da nova formulação de “mundo harmonioso” (*hexie shijie*), assente em valores e tradições civilizacionais chineses de benevolência, sinceridade, confiança e cooperação (Sui, 2006: 49) e a recuperar o conceito de “paz e desenvolvimento” de Deng Xiaoping, agora sob a denominação de “O Caminho de Desenvolvimento Pacífico da China”, o qual seria divulgado oficialmente em dezembro de 2005 e teria um novo emolumento em 2011 (Information Office of the State Council of the People’s Republic of China, 2005 e 2011; sem autor (s.a.), 2011a).

Em 2006 seria formalizada a nova conceptualização de “mundo harmonioso” – numa extensão da ideia confucionista de “sociedade harmoniosa” (*hexie shehui*), mas que também não ficaria isenta de um debate interno, ainda que menos amplo e polarizado, em parte porque Hu Jintao – à semelhança dos seus antecessores – necessitava de estabelecer uma formulação de cariz ideológico pessoal que ficasse para a história do Partido. Os conceitos de “sociedade harmoniosa, mundo harmonioso e desenvolvimento científico” assumiram assim

servações de bloggers e de alguns académicos clamando por um nacionalismo embaraçoso e não construtivo” (Xinhua, 2009). Os livros “A China Pode Dizer Não” e “A China sob a Conspiração da Globalização” estão disponíveis para leitura respetivamente em http://www.xiaoshuo.com/readindex/index_00118540.html e em http://www.xiaoshuo.com/readindex/index_0015423.html. Em 2010 o Coronel Liu Mingfu da Universidade de Defesa Nacional publicou o livro *Zhongguo Meng: hou Meiguo Shidai de Daguo Siwei Zhanlue Dingwei* (O Sonho da China: Estratégia de uma Grande Potência na Era pós-Americana). Ainda que o autor não argumente a favor de um “nacionalismo tão estridente” quanto os do *Zhongguo bu Gaoxing* defende a necessidade de um maior modernização militar face aos enormes desafios internos e externos ao país. Refira-se que do lado norte-americano também se assistiu na mesma altura a uma exponenciação na publicação de obras sobre a denominada “ameaça chinesa” bastando para tal consultar as edições do politicamente conservador *American Enterprise Institute*, para além dos livros de Constantine Menges (*China: The Gathering Threat*); Bill Gertz (*The China Threat: How People’s Republic of China Targets America*); Edward Timperlake (*Red Dragon Rising: Communist China’s Military Threat to America*); Stephen Leeb e Gregory Dorsey (*Red Alert: How China’s Growing Prosperity Threatens the American Way of Life*); Dana Dillon (*The China Challenge: Standing Strong against the Military, Economic and Political Threats that Imperil America*); Peter Navarro (*The Coming China Wars: Where They Will be Fought and How They Can be Won*); Jed Babbin e Edward Timberlake (*Showdown: Why China Wants War with the United States*); e Richard Bernstein e Ross Munro (*The Coming Conflict with China*). Para a melhor análise – ainda que datada – sobre este debate, leia-se Yee e Storey (2002).

um duplo significado: o de legado para a posteridade e o de uma evolução na continuidade¹⁹.

2005-2006: a Segunda Vaga de Debate – o Conceito de “Mundo Harmonioso”

A 22 de abril de 2005, aquando da Cimeira Ásia-África, Hu Jintao divulgou a primeira formulação geral do conceito de “mundo harmonioso” (Yuan, 2007), descrevendo-o aprofundadamente em 15 de setembro do mesmo ano, aquando do seu discurso “*Strive to Construct Harmonious World of Lasting Peace and Common Prosperity*” ante a Assembleia Geral da ONU, pela ocasião das comemorações do sexagésimo aniversário da Organização e no qual definiu publicamente o significado desta nova conceção como sendo um contributo para a construção de uma nova ordem internacional (People’s Republic of China Ministry of Foreign Affairs, 2005).

Assente numa ancoragem de cariz histórico-civilizacional, nos inelutáveis “Cinco Princípios da Coexistência Pacífica” de 1954 e no “Novo Conceito de Segurança da China” de 1997, esta conceptualização do sistema internacional pretende vincar uma visão associada à noção de um excecionalismo chinês, desejavelmente “mais benigno e não coercivamente proselitista” – por comparação com o seu congénere norte-americano – sendo ambos passíveis de coexistirem de forma pacífica (harmonia na diversidade – *he er butong*).

Os quatro pilares para este “mundo harmonioso” são “a democracia, a amizade, a justiça e a tolerância”, de acordo com as seguintes *guidelines*:

- Encarar a segurança de forma abrangente, salvaguardando a paz e a estabilidade mundial. A Carta da ONU e os “Cinco Princípios da Coexistência Pacífica” devem nortear a promoção da democracia nas relações internacionais através do diálogo, negociação e cooperação. As questões internas de um Estado devem ser dirimidas pela sua população. Todos os Estados devem ter direitos idênticos em termos de participação e de decisão sobre assuntos internacionais e nenhum deve tentar impor a sua vontade aos restantes.
- Ter uma abordagem mais holística e coletivista relativamente ao desenvolvimento, à segurança e à prosperidade comum com base na confiança mútua, no mútuo benefício, na igualdade e na coordenação.

19 A linha geral (*zong luxian*) e radical Maoísta foi “revolução e guerra” (*geming he zhanzheng*). Com Deng Xiaoping a “linha internacional” do PCC alterou-se para uma política de “paz e desenvolvimento” (*heping yu fazhan*). Jiang Zemin manteve esta linha mas formulou o conceito interno das “três representações” (*sange daibiao*) entretanto elevado a teoria. Hu Jintao procurou ajustar a linha política internacional com o conceito de “ascensão/desenvolvimento pacífico” (*heping jueqi/ fazhan*) cujo fracasso relativo levou-o ao estabelecimento destes três emolumentos formulativos: dois de “harmonia” e um de “cientificidade”.

- Prosseguir a cooperação de forma mais aberta e justa no contexto da globalização económica em curso, trabalhando em prol do mútuo benefício e do progresso comum assente num desenvolvimento sustentável e na redução das assimetrias entre os países do Norte e do Sul.
- Defender a tolerância e uma sociedade mais aberta capaz de potenciar o diálogo entre civilizações e a vida em harmonia. Igualdade na diversidade e procura dos pontos comuns em detrimentos das diferenças devem ser os dois dinamismos de um mundo mais harmonioso (Zhang, 2011: 6-9)²⁰.

Em novembro de 2009, Zhang Xiaotong, editor do Centro de Investigação de Literatura do Comité Central do PCC, publicou nas revistas *Liaowang* (Perspetiva Semanal) e *Qiushi* (Em Busca da Verdade) um artigo intitulado “Propostas da China com Base no Conceito de Era de Hu Jintao”, onde elencou as linhas de força da visão de Hu relativamente ao posicionamento da China no sistema internacional, alicerçada numa estratégia de política externa assente em “cinco teorias” separadas mas que são integradas de forma a consubstanciarem um todo que se pretende coerente e homogéneo. Esta visão reflete a auto-perceção do país como estando num patamar mais elevado que o que tinha há uma década atrás na escala de poder, descrevendo as “cinco teorias” que devem pautar o desenvolvimento de um “mundo pacífico e harmonioso” como:

- O reconhecimento do facto de que estão em curso profundas alterações no mundo;
- A construção de um mundo harmonioso;
- O desenvolvimento em conjunto;
- A partilha de responsabilidades;
- A participação da China nos assuntos globais (Zhang, 2009: 3).

Ou seja, pela visão exposta, pode-se afirmar que Hu Jintao efetuou uma expectável “evolução na continuidade” em termos de liturgia política oficial, ao manter que a grande estratégia da República Popular da China é a de “desenvolvimento pacífico” e de apoio e contribuição à consolidação de um “mundo harmonioso”. A dimensão interna permaneceu omnipresente, pois o conceito de “mundo harmonioso” é uma extensão dos conceitos de “sociedade socialista harmoniosa” (*shehui zhuyi de hexie shehui*) e de “desenvolvimento científico” (*kexue fazhanguan*), inferindo-se que com as noções de “sociedade harmoniosa” e de “mundo harmonioso” a China entrou numa nova fase de desenvolvimento – agora com objetivos a 30 anos²¹ – pelo que terá de continuar a aperfeiçoar a sincronização destas duas dimensões (Zhang e Liu, 2008)²².

20 Ver também Information Office of State Council (2011).

21 Para uma sistematização destes objetivos ver Kuhn (2010: 33).

22 Para uma articulação destes conceitos ver Shambaugh (2008: 115-120) e Kuhn (2010: 28-30).

É refutada uma vez mais a noção de que a ascensão da China tenderá a gerar instabilidade regional e global, pois a globalização tornou o país interdependente comercial e tecnologicamente do exterior, pelo que o recurso a meios de persuasão e influência são os mais privilegiados, não tendo Pequim quaisquer ambições de cariz hegemónico ou expansionista passíveis de desestabilizar (ou “desarmonizar”) um sistema internacional do qual é um dos principais beneficiários juntamente com os EUA (Su, 2010; Liu, 2009: 479-490).

Ou seja, o reconhecimento do impacto positivo da globalização e do multilateralismo seletivo no plano interno potencia por um lado a sua maior participação e envolvimento em organizações internacionais, espelhando a aceitação dos benefícios materiais que estes dois fenómenos produzem tanto no seu desenvolvimento económico como no reforço da sua imagem como “potência responsável” (*fuzeren de daquo*) defensora da ordem económica e de segurança vigente no sistema internacional²³. Por outro lado, o comportamento de Pequim reflete a aparente aceitação de uma lógica coletivista e de valores subjacentes às normas internacionais – ou seja, um reconhecimento das limitações que os Estados enfrentam na sua ação em resultado da sua crescente interdependência, o que faz com que tenham de aceitar custos específicos de forma a obterem benefícios comuns, “pondo de parte as diferenças em prol de um desenvolvimento conjunto” (*gezhi zhengyi gongtong kaigfa*)²⁴.

Apesar da chancela de aprovação e a referência oficial *ad nauseum* a este conceito, dadas as crescentes assimetrias sociais e divergências políticas internas existentes, este alimenta alguns debates entre apoiantes e críticos do mesmo, materializando uma relativa polarização entre “a velha e a nova esquerda” (uma categorização ocidental) no seio do PCC²⁵.

23 Os analistas chineses fazem uma distinção entre “ordem internacional” (*guoji zhixu*), definida como determinadas normas destinadas a facilitar a interação entre os Estados; e “ordem mundial” (*shijie zhixu*), entendida como um conjunto de normas mundiais que podem por em causa a soberania dos Estados. Esta diferenciação foi mais enfatizada a partir do momento em que o Presidente George H. W. Bush, no início da década de noventa declarou o nascimento de uma “nova ordem mundial” (*xin shijie zhixu*), que foi encarada como uma nova roupagem para a preservação do domínio global e hegemónico dos EUA (Kim, 1993: 430). Ver também Carlson (2005).

24 O que é em si um estratagema, não um objetivo da China.

25 A “velha esquerda” ou os “conservadores” incorporam um conjunto heterogéneo de antigos líderes políticos e de intelectuais como Chen Yun, Wang Zhen, Li Peng, Deng Liqun, Bo Xilai (caído em desgraça em 2012), Gao Di, Chen Kuiyan, Li Shenming, Liu Fengyan entre outros. A “nova esquerda” incorpora intelectuais não ligados a instituições governamentais como Wang Hui, Zhang Qingde, Cui Zhiyuan, Li Shaoju, Zhang Xudong e Hu Angang entre outros (Murphy, 2008: 6 - notas de rodapé 14 e 15).

A “velha esquerda” sublinha a tendência para o mundo caminhar na direção desta harmonia com base em três dimensões: “harmonia institucional” (*zhixu hexie*) através da prossecução de um multilateral regional e global capaz de aprofundar uma “visão holística o mundo” (*shijie zhengtiguan*); “harmonia do poder” (*liliang hexie*) através da preservação sincera e dedicada do *balance of power* entre Estados; e “harmonia dos valores” (*jianzhi hexie*) com base na unidade na diversidade e na liberdade de cada Estado poder escolher e seguir o seu próprio modelo de desenvolvimento sem interferências de terceiros (Wang, 2007: 68-70; Fang, 2007: 55-64; Sheng, 2008: 194-213, numa “harmonia entre culturas” (*butong wenhua zhijian de hexie*) ou “globalização harmoniosa” (*hexie de quanqiu hua*), como alguns preferem designá-la (Ma, 2008). Identificam também quatro obstáculos à consecução desta visão: a persistência de uma ideologia e psicologia típica da Guerra Fria; a hegemonia norte-americana; as crescentes assimetrias entre os países desenvolvidos e em desenvolvimento; e a falta de entendimento e de diálogo entre culturas e civilizações (Yu, 2007: 1-11; Yu, 2008: 119-141).

No entanto, dentro deste campo, refira-se que não é refutada a possibilidade de o país recorrer ao emprego da força desde que justificada moralmente, pois “assumir o compromisso de preservar a paz e harmonia não significa abandonar o emprego da força militar em prol da manutenção da paz e da criação da paz” (Niu, 2007: 360-369). Esta é uma perspetiva pragmática que integra idealismo com realismo, tornando o primeiro mais claro e o segundo mais exequível (Yu, 2007: 6). Neste contexto defende que o EPL, enquanto instrumento de *hard power*, deverá ser predominantemente empregue como um instrumento de *soft power* ao serviço da Estado chinês e das Nações Unidas (Yang, 2006).

A “nova esquerda” enfatiza a dimensão interna de “harmonia” referindo que esta só poderá ser atingida se forem reduzidas as crescentes assimetrias sociais – relegando para segundo plano a dimensão internacionalista. Centram-se nas reformas políticas que há que aprofundar, relevando simultaneamente a atualidade e aplicabilidade contemporânea de conceitos Confucionistas como os de harmonia (*he*), benevolência (*ren*) e moralidade (*de*) modeladores das relações interpessoais, sociais e entre entidades estatais, corporizando uma sociedade humana universal (*tianxia*) assente numa moralidade racional (Meng, 2005: 313; Wang, 2006: 1).

Reconhecem ainda a existência de quatro grandes desafios críticos à consecução desta “visão harmoniosa da China e do sistema internacional”, nomeadamente, as crescentes assimetrias sócio-económicas internas, a competição por recursos naturais *vs* desenvolvimento sustentável, os riscos ambientais, a democracia intrapartidária, os direitos humanos e o futuro do PCC²⁶.

26 Entrevista a Wang Weiguang, vice-Presidente da Academia Chinesa de Ciências Sociais. Citação em Kuhn (2010: 523).

2008-2010: a Terceira Vaga de Debate – a Crise Financeira e o “Declínio Elegante” Norte-Americano

Esta vaga teve o seu início em finais de 2008 resultado da perceção acumulada de um declínio paulatino do Ocidente face ao Oriente, ainda mais acentuado com a crise financeira de 2008 que abalou os EUA e pelas dificuldades das forças militares norte-americanas tanto no Iraque como no Afeganistão, no mesmo ano em que a China organizou os Jogos Olímpicos com um impressionante sucesso, estava em fase de conclusão dos preparativos da Expo de Shanghai de 2010 e a sua economia não parava de crescer.

A grande diferença entre esta vaga de “declínio norte-americano” e as anteriores é a perceção relativa à validade de um modelo de desenvolvimento económico e social chinês (Consenso de Pequim – Ramo, 2004²⁷) em detrimento de um modelo norte-americano (Consenso de Washington), a que se junta uma outra: a de que o país está perante uma boa oportunidade para tentar “concretizar algo” (*yousuo zuowei*), assumindo-se definitivamente como uma grande potência emergente (*xin-xing daguo*).

Ilustrativo deste ponto, nos meses seguintes à crise financeira de 2008 foi massificado mediaticamente um aforismo no qual “em 1949, apenas o socialismo podia salvar a China; no ano de 1979, apenas o capitalismo podia salvar a China; no ano de 1989, apenas a China podia salvar o socialismo; e em 2009, apenas a China podia salvar o capitalismo” (*Zai 1949 nian, zhiyou shehui zhuyi nenggou jiu Zhongguo; zai 1979 nian, zhiyou ziben zhuyi jiule Zhongguo; zai 1989 nian, zhiyou Zhongguo nenggou jiu shehui zhuyi; bing zai 2009 nian, zhiyou Zhongguo neng jiu ziben zhuyi*) (Wang, 2009)²⁸.

Esta noção da “China como salvadora do mundo” reflete a perceção vigente em alguns círculos políticos e intelectuais de que o declínio relativo do Ocidente e dos EUA é agora sim uma inevitabilidade (Wu, 2008: 155-163; Chen, 2009: 28-34; Wu, 2010: 155-163; Cui, 2010: 1-4), havendo quem defenda um “afastamento seletivo” da China face às influências ocidentais e assumindo-se definitivamente como um “Estado heróico” (*yiongxiong guojia*) capaz de liderar o mundo (Liu, 2010; Chance, 2010).

27 Ver também Halper (2010). No original o modelo de desenvolvimento (*fazhan moshi*) chinês refere-se às experiências chinesas em termos de revolução e construção, sendo normalmente adicionado o termo “com características chinesas” (*you Zhongguo tese*) (Guan: 1984: 8). O melhor livro sobre as virtudes do modelo de desenvolvimento económico chinês é de Pan Wei (2009). Para perspetivas mais cautelosas quanto à aplicabilidade externa deste modelo de desenvolvimento ver Huang, Tan e Bandyopadhyay (2012) e Guo e Li (2012).

28 Entre o início da guerra do Iraque em 2003 e o seu final em 2011, a diferença no PIB da China face aos EUA reduziu-se de 8 para 3, sendo uma questão de anos e não de décadas saber quando se tornará na maior economia mundial (Lieberthal e Wang, 2012: 38).

Neste contexto foi notório que Pequim começou a desenvolver e a aplicar no plano do discurso normativo uma ofensiva geoestratégica regional e global entre 2009 e 2010, surgindo com cada vez maior frequência nas declarações oficiais expressões como “a necessidade de se transcender a atual ordem internacional” (*chaoyue xiaoyou de guoji tixi*) e de que a “consciência da China (*Zhongguo yishi*) estava a aumentar”, pelo que é possível que estejamos a assistir à construção de um “discurso normativo com características chinesas” (*you Zhongguo tese de huayu xitong*) destinado a consolidar de forma paulatina e sustentada ante a comunidade internacional o excecionalismo do seu modelo de desenvolvimento e da sua *weltanschauung*, com base num ideário sócio-cultural com um peso gravitacional civilizacional e milenar próprio, distinto do ocidental, mas mais particularmente do dos EUA (Zhang, 2011: 47-81; Chen e Xia, 2004; Bell, 2008; Kallio, 2011; Ye, 2011: 85; Liberthal e Wang, 2012: 38).

No entanto, outros especialistas alertaram para a conveniência de uma abordagem mais cautelosa e conservadora, refutando a exportação do modelo de desenvolvimento chinês e relevando os perigos da sua excessiva exortação e veneração a qual pode levar a que o país tenha de assumir responsabilidades que vão para além das suas atuais capacidades (Shi, 2009: 3; Lin, 2010). A China “deve olhar para si própria com humildade (*qianxu de kandai ziji*) e para o mundo com moderação e responsabilidade” (Zhao, 2010), apesar do facto de a hegemonia norte-americana ter sido fragilizada e ter dado lugar a uma primazia que está a ser direccionada prioritariamente para a Ásia – o que não é necessariamente bom para os interesses nacionais chineses (Song, 2010: 25-48; Xu, 2008: 26-27). Concomitantemente aconselham a continuidade de um relativo “*low profile* Dengista” (Glaser, 2011), com iniciativas diplomáticas de não confrontação, continuando Pequim a prefigurar-se como a ponte entre os países desenvolvidos e em desenvolvimento (Tang, 2010).

Este dualismo interpretativo da envolvente internacional espelha um vivo debate intelectual interno quanto à perceção da evolução do poder dos EUA existente entre duas escolas distintas: a do irreversível declínio hegemónico norte-americano e a da continuidade da primazia norte-americana.

Escola do “Irreversível Declínio Hegemónico Norte-Americano”

Em maio de 2007, Shi Yinhong prognosticou a inevitabilidade do declínio dos EUA fruto do desgaste e da desmoralização das guerras do Iraque e do Afeganistão e do impacto que as mesmas começavam a ter na economia nacional norte-americana (Shi, 2007: 16-17). Tal teria um impacto positivo para a China pois acentuaria a sua ascensão face ao declínio relativo norte-americano (Niu e Gao, 2008: 10-12).

A eclosão da crise financeira consubstanciou para os advogados desta escola uma boa oportunidade para a China acentuar o desenvolvimento do sistema internacional em termos de distribuição de poder no sentido de uma multipolaridade,

potenciando no processo a sua ascensão como grande potência emergente (*xinxing daquo*) como sublinharam vários especialistas e relevantemente o jornal do PCC, em fevereiro de 2009 (Li, 2009).

A sua base de apoio interna foi expressa em inúmeros comentários colocados em *fora online* como o *Tianya* (a maior comunidade virtual da China²⁹) bem como em sondagens à opinião pública chinesa e estrangeira sobre a ascensão da China no pós-crise financeira (Horizon Research and Consulting Group, 2010). De facto existiu inicialmente um certo triunfalismo, com alguns académicos e inúmeros internautas chineses a assumirem publicamente que o país era o grande vencedor da crise financeira e que o momento unipolar e hegemónico havia terminado dando lugar a uma Era pós-polar com três grandes potências (EUA, China e Rússia), processo que se iria metastizar ao longo deste século (Pan, 2009 e 2009a)³⁰. Seguiram-se uma série de artigos e livros descrevendo o fim da hegemonia dos EUA, mas distinguindo-se entre si pela forma mais moderada como prescrevem as modalidades de ação que a China deve seguir nesta “nova fase”: assumindo-se como líder dos países em desenvolvimento ou como mediador entre estes países e o Ocidente no que concerne a questões de segurança global, alterações climáticas, comércio global e energias renováveis (Jindi, 2009; Wang, 2012).

Ponto comum à maioria deles é uma perspetiva relativamente pessimista (quase cínica) face ao Ocidente e à forma como este continua a encarar com suspeita a ascensão da China, criticando a forma “desrespeitosa” como esta é caracterizada (Wang, 2012; Yu, 2012), mas sugerindo que Pequim deve, por enquanto, evitar uma confrontação aberta resguardando e consolidando o seu potencial para uma situação que lhe seja mais favorável no futuro quando se assumir como uma superpotência.

Escola da Continuidade da Primazia Norte-Americana

Os “seguidores” desta escola ainda que concordem com o diagnóstico da “escola do declínio norte-americano” de que a crise enfraqueceu os EUA – fruto das contradições internas da visão económica neoliberal de “*small government, big society*” assente numa fraca supervisão macroeconómica estatal (Wang, 2009; Zhang, 2012: 118 e 164) – defendem que tal apenas vulnerabilizou marginalmente a sua hegemonia, dado o acentuado diferencial de poder que continuam a auferir face às outras potências. Para alguns investigadores o declínio de poder relativo dos EUA não implica automaticamente o sucesso na ascensão dos novos países emergen-

29 Disponível em <http://www.tianya.cn/publicforum/>

30 Comunicação de Pan Wei aquando da conferência sobre a “Política Externa da China entre 1949 e 2009”, realizada em Pequim em 2 e 3 de setembro. Disponível em <http://ccga.pku.edu.cn/html/chenguo/2009002/1822.html>.

tes (*xinxing guojia*)(Li, 2009: 37) ou que se venha a assistir necessariamente a uma transição de uma hegemonia para outra; pelo que creem que deverá continuar o atual sistema de “uma superpotência, várias grandes potências” (Qin, 2009: 35-37). O declínio relativo norte-americano apenas indicia uma maior difusão de poder no sistema internacional ou o “seu achatamento” (*guoji guanxi de bianping hua*) (Zhang, 2009: 29-34; Cui, 2009), tal como o avançado por Richard Haass (2008).

Para outros o “poder elástico” (*nianxing shili*) dos EUA (*i.e.* educação, ciência e tecnologia e capacidade de auto ajustamento) permitir-lhes-á manter uma primazia internacional, sendo a tese do declínio norte-americano o resultado de um período de introspeção das suas elites face aos erros cometidos pela Casa Branca na última década (Zhang, 2007: 32-33; Liu, 2011).

Outros ainda relevam que a perceção de declínio resulta do enfraquecimento do *soft power* norte-americano, da sua retirada militar do Iraque – e a curto prazo do Afeganistão –, mas que apesar de tudo e por enquanto nenhum país tem a capacidade de contrabalançar decisivamente o poder dos EUA, pois a estrutura económica mundial não foi substancialmente alterada (*shijie jingji geju*), duvidando no entanto que esta preponderância norte-americana se mantenha por mais de vinte anos (Wang, 2009). Comum à maioria dos advogados desta linha de pensamento é o facto de não ser possível, por enquanto, efetuar um *bypass* (*piekai*) ao Ocidente e à ordem internacional vigente, mas ser necessário proceder a ajustamentos (Gao e Liu, 2010). A solução passa pela condução de uma estratégia gradual, com base no maior denominador comum de interesses entre a China e os outros países, mas sem abdicar do axioma de Deng Xiaoping de “manutenção de um *low profile* e de dar tempo ao tempo” (Liu, 2009a: 34).

Linha de Ação da China Face aos EUA no Pós-crise Financeira (hou weiiji shidai): Recomendações

As duas escolas percetivas sobre a evolução do poder norte-americano após a crise de 2008 geraram alguns seminários e conferências com a participação de especialistas militares e civis e de decisores políticos chineses, tendo os relatórios dos eventos sido publicados e, nalguns casos, enviados para o Conselho de Estado com a classificação de segurança de “referência interna” (*neibu cankao*).

O seminário realizado em novembro de 2008 na Academia Chinesa de Ciências Sociais em Pequim e organizado pelo Instituto para a Economia e Política Mundial concluiu que a ordem política e económica internacional não havia sido substancialmente afetada e a hegemonia norte-americana permaneceu estável. Para a China a crise permitiu-lhe melhorar a sua imagem internacional, aprofundando a sua cooperação com outros países e dando-lhe a possibilidade de aumentar a sua expansão estratégica, ainda que possa trazer no futuro sérios desafios em termos de governação interna e crescimento económico. A China não deveria aproveitar

esta oportunidade para se “chegar à frente” (*chu tou*) devendo manter o seu atual *low profile* (Jiang, 2008: 14).

Em junho de 2009 o Gabinete de Investigação Estratégica Internacional da Escola Central do PCC organizou uma conferência na qual a maioria dos participantes concordou que o declínio dos EUA era relativo e que a tendência evolutiva no sentido da multipolaridade se tinha aprofundado. No entanto referiram que a comunidade internacional ainda não se tinha familiarizado com a ascensão da China, pelo que era essencial continuar a manter uma atuação discreta e não liderante no panorama internacional (Chen, 2009: 64-65).

No mês seguinte realizou-se uma conferência de embaixadores com a duração de quatro dias na qual o topo da liderança política e militar chinesa analisou a situação internacional desde a eclosão da crise financeira e mapeou a direção da diplomacia chinesa para os próximos anos. Nas suas comunicações, Hu Jintao e Wen Jiabao enfatizaram que a “reforma, desenvolvimento e estabilidade da China” enfrentavam sérios desafios devido à crise financeira, devendo a liderança do Partido aumentar a sua atenção relativamente a sinais de potenciais dificuldades (*zengqiang youhuan yishi*) “mantendo a sobriedade” (*baochi qingxing tounao*). Alertaram ainda os diplomatas que a prioridade nacional era e seria nos tempos mais próximos a de gerir eficazmente as repercussões da crise financeira garantindo a continuação do crescimento económico, a estabilidade e a segurança da população. Foi referido que a linha estratégica de *low profile* formulada por Deng Xiaoping de 1989 deveria ser mantida, preservando-se um equilíbrio entre uma “autocontenção” (*taoguang yanghui*) e uma “intervenção modesta” (*yousuo zuowei*) (Glaser e Dooley, 2009: 8-12; Yuan, 2007).

A 15 de setembro, um ano depois da falência do banco *Lehman Brothers*, o Centro de Investigação da Globalização do Instituto Chinês de Relações Internacionais Contemporâneas realizou um seminário onde foi enfatizada a necessidade de se prestar a devida atenção a três fatores: a continuação do poder global dos EUA; o vigoroso crescimento das economias emergentes; e o papel e poder crescente de países como a China, por deterem enormes quantidades de reservas de moeda estrangeira (Huang, 2009).

Três meses depois o mesmo Instituto organizou um *workshop* onde foi concluído que o “poder nacional abrangente” dos EUA havia saído mais enfraquecido da crise, tal como o dos seus competidores diretos, mas que tal não punha em causa a sua preponderância global (Huang, 2011: 64).

Em dezembro a Escola Central do Partido e a Fundação para a Educação Sino-Americana organizaram uma conferência internacional onde os participantes concordaram que a crise financeira não simbolizava o fracasso do modelo capitalista americano nem a perda do seu estatuto como superpotência (Wei, 2009: 147-148).

Em junho de 2010 a Universidade de Defesa Nacional levou a cabo um seminário sobre segurança nacional, no qual a maioria dos conferencistas militares concordaram que era necessário que o país construísse uma “força militar poderosa” (*qiangda de junshi liliang*) como instrumento essencial para a solidificação de um “socialismo com características chinesas”. No entanto deveria ser dada prioridade à resolução das questões internas do país, pois destas depende o processo de fortalecimento das forças armadas. A crise financeira foi entendida como sendo mais relevante em termos de impacto negativo para o Ocidente que para a China (Wang e Yang, 2010).

Na mesma linha, aquando da reunião da Associação Chinesa de Relações Internacionais, em setembro de 2010, a conclusão consensual a que chegaram os participantes foi que “...a China não deve confrontar os EUA; nem desestabilizar o sistema internacional em geral; não deve empregar a ideologia como guia da sua política externa; não deve liderar o ‘campo antiocidental’; não deve entrar em conflito com outros países, mesmo quando a razão lhe assiste; deve efetuar compromissos e concessões aprender mais com o jogo dos benefícios mútuos; não deve abdicar da defesa intransigente dos seus interesses vitais relativos à unificação nacional; deve fornecer bens públicos ao sistema internacional e aperfeiçoar a sua imagem tirando vantagens de eventos globais” (Glaser, 2011: 13; Wang, 2011).

Em novembro do mesmo ano, o Instituto Chinês de Relações Internacionais Contemporâneas organizou um conjunto de mesas redondas com alguns dos mais reputados especialistas nacionais que debateram a estratégia global da China perante os mais recentes desenvolvimentos e as tendências evolutivas do sistema internacional. Apesar de alguma divergência quanto à consecução de alguns objetivos de curto/médio prazo, particularmente no plano regional, a maioria deles acabou por subscrever a mesma linha expressa na reunião da Associação Chinesa de Relações Internacionais (Godement, 2011).

Por fim, em maio de 2011 a revista *Qiushi* (Em Busca da Verdade) da Escola Central do PCC publicou um artigo onde sumarizou as perspetivas de vários investigadores de *think tanks* e universidades sobre as tendências das relações sino-americanas nos próximos dez anos (sem autor, 2011b). Wang Jisi desvalorizou a possibilidade de um declínio acentuado de poder por parte dos EUA, porque a sua economia reagiu melhor à crise que as suas congéneres europeias e japonesa, a sua hegemonia militar mantém-se intacta tal como a sua vitalidade tecnológica, e a apelatividade do seu *soft power* foi recuperada durante o mandato do Presidente Barack Obama. Enquanto estes factores prevalecerem não haverá qualquer alteração na preponderância de poder norte-americana. Já Zhang Weiyang, ainda que concordando com Wang Jisi, estabelece uma relação direta entre a manutenção do estatuto norte-americano e as ações que a China

poderá vir a efetuar no futuro. O nacionalismo/patriotismo chinês senão forem devidamente controlados através do aprofundamento progressivo das reformas políticas internas e da condução de uma diplomacia eficaz, poderão potenciar o cometimento de erros por parte de Pequim e o estatuto dos EUA sairá reforçado. Se a China não cometer erros a primazia mundial norte-americana não irá perdurar durante muito tempo.

2011- ... : a Quarta Vaga de Debate – “o Rebalancing dos EUA para a Ásia”

Esta vaga teve o seu início há pouco mais de dois anos, facilitada por dois acontecimentos relevantes: o facto de a China ter ultrapassado o Japão em termos de Produto Nacional Bruto, assumindo-se como a segunda maior economia mundial em finais de 2011 e, coincidentemente, o reajustamento da política e estratégia económica, militar e de segurança dos Estados Unidos face à região da Ásia-Pacífico com o intuito de salvaguardar o seu papel de liderança neste “século americano do Pacífico” (Clinton, 2011a e 2011b; Department of Defense, 2012; Panetta, 2012); o qual foi denominado mais comumente na China por “regresso à Ásia” (*chong fan yazhou*).

De forma notável, diga-se, a reação oficial de Pequim tem sido particularmente contida e até conciliatória (ao contrário da sua excessiva assertividade em termos de disputas territoriais marítimas verificada em 2009-2010) (Swaine, 2011a; Swaine e Fravel, 2011; Swaine, 2012a), optando por enfatizar ao longo de 2011 e 2012 a sua participação em mecanismos bi e multilaterais regionais e o papel construtivo que os EUA devem ter na região (Le, 2011), numa aproximação de interesses conjuntos (Deng, 2012; Mingjiang, 2011: 331-351). Pequim acredita que o tempo joga a seu favor (Yao, 2012) devendo esperar por um “erro estratégico” (*zhanlue shang de couwu*) dos EUA para poder efetuar um “segundo ataque” (*hou fazhi ren*) (Zhou, 2012: 78-83), não deixando de compreender o pragmatismo da opção dos EUA que a obrigará a ser ainda mais proactiva na região asiática (Zhen, 2012).

A dimensão militar propriamente dita deste “*rebalancing to Asia*” não tem gerado reações oficiais particularmente histriónicas, tendo até aumentado o número de visitas bilaterais entre as lideranças militares. No entanto o debate tem sido aceso no plano dos *think tanks*, como ficou demonstrado aquando da realização de um seminário em 12 de março de 2012 organizado pelo *China Security Forum* sobre o impacto da estratégia norte-americana de “regresso à Ásia” na segurança da China, o qual reuniu alguns dos mais prestigiados estrategistas chineses³¹ e de outro

31 Sem autor (2012). Sumário do evento disponível sob o título de “Meiguo Zhanlue Zhongxin Dong yi yu Wuoguo Anquan” (A Mudança para Leste do Enfoque Estratégico dos EUA e a Segurança do Nosso País) em http://www.big5.xinhuanet.com/gate/big5/news/xinhuanet.com/world/2012-03/17/c_122846063.htm.

similar patrocinado pelo Instituto de Estudos Estratégicos Internacionais da Escola Central do PCC, em 5 de maio do mesmo ano³².

Das conclusões divulgadas nos dois eventos trespassa a noção de que a janela de oportunidade estratégica do país pode estar a esgotar-se mais rapidamente do que se pensava, não faltando referências à condicionalidade da aceitação da China do papel construtivo norte-americano, a qual depende da maior ou menor assertividade estratégica e das possíveis interferências regionais de Washington bem como do eventual impacto direto destes sobre os interesses da China. Se estas forem passíveis de agudizarem a percepção relativa a um cerco geoestratégico ao país, sentida e expressa de forma mais direta por militares e estrategistas ligados a *think tanks* do EPL e a institutos de estudos de segurança e defesa (Swaine, 2012b: notas 42 a 55)³³, o país deverá contemplar um conjunto de opções que podem passar desde o aprofundamento da sua relação de cooperação de segurança e defesa com a Coreia do Norte, o Paquistão e a Rússia; como no plano económico, no redirecionar das suas prioridades para fora do Leste asiático, reforçando a cooperação intra-BRICS, na América do Sul, África e Médio Oriente, de forma a contornar o “confinamento geopolítico” que lhe parece querer ser estabelecido por Washington (Hao, 2012: 97-99)³⁴.

É ainda referido o facto de existir um desfasamento entre o discurso norte-americano e as suas ações, que só quando dirimido adequadamente é que fará os países asiáticos acreditarem que os EUA pretendem efetivamente promover a paz e a estabilidade na região (Wang, 2012; Zhu, 2012a). Até lá muitas dúvidas se levantarão ou se agravarão (Wei, 2011), não se sabendo se querem ser parceiros na Ásia ou líderes da mesma (Wei, 2011a) e se não irá institucionalizar uma competição estratégica, que ainda que venha a ser diferente daquela entre os EUA e

32 Sem autor (2012a). Sumário disponível sob o título “Shi Wei Zhuanjia: Zhongguo Jueqi Bixu Yanfang Shiwu” (Dez Peritos: A Ascensão da China Deve Evitar Erros Estratégicos Graves) em *Huanqiu shibao* (Tempos Globais), 11 de maio.

33 O autor analisa de forma excelente as percepções chinesas em cinco áreas: estratégia regional e relações sino-americanas; doutrina de defesa militar e política dos EUA; presença militar norte-americana na região; política de Washington face às disputas territoriais no Sul do Mar da China; e a iniciativa da Parceria Trans-Pacífico. As notas no final do artigo são particularmente ilustrativas das ansiedades de segurança geradas entre estrategistas do EPL pelos recentes desenvolvimentos militares regionais impulsionados pelos EUA. Ver ainda Tian e Zhang (2011), Zhong (2011), Wang (2011), Chase e Purser (2012), Zhu (2012) e Lin (2012).

34 Para uma perspetiva não chinesa sobre as opções que a China poderá ter como: atrair a Coreia do Sul para a sua órbita, continuar a “elogiar” a Índia, construir mísseis e drones em detrimento de plataformas navais, comprar dívida da zona euro, e reforçar apoio político ao Irão, Síria, Venezuela e Cuba, ver Kelly (2012).

a URSS durante a Guerra Fria, não deixará de agudizar as atuais desconfianças e suspeitas mútuas em termos de segurança (Zhang, 2012).

Como caucionou o General Xiong Guangkai, Diretor do Instituto Chinês para os Estudos Estratégicos Internacionais, “Os Estados Unidos não ameaçam por enquanto os interesses vitais da China, pelo que podemos viver com uma potência hegemônica, mas a China terá mais dificuldades em cooperar no futuro devido a comportamentos hegemônicos excessivos norte-americanos, particularmente no espaço asiático”³⁵. O país reconhece que a presença norte-americana na Ásia é um produto da história e uma realidade objetiva e “não procura deter um interesse estratégico exclusivo sobre a região, nem excluir os interesses estratégicos de outras potências” (Cui, 2005; Zhang, 2007: 107-115), no entanto para o Tenente-General Ren Haiquan “a nova estratégia de interferência regional norte-americana irá complicar a evolução na direção de uma nova ordem de segurança regional” (Nicholson, 2012).

Numa referência mais direta, o General Peng Guangqian, vice-Secretário do Comité para as Políticas de Segurança Nacional, mantém o mesmo racional argumentativo mas explicita que “a nova estratégia dos EUA face à China tem seis elementos: (1) encara-a como um adversário; (2) tem no Japão e na Austrália aliados estratégicos-chave; (3) estabelece o incremento da sua presença militar em bases no Pacífico Ocidental; (4) visa a preservação e expansão dos valores ocidentais; (5) visa a conservação de um sistema de domínio económico dos EUA; e (6) pretende separar a China dos países vizinhos” (Peng, 2011).

Outros especialistas referem a possibilidade de países como o Vietname, as Filipinas e o Japão – encorajados por este “*rebalancing* asiático norte-americano” – poderem aproveitar a ocasião para reforçarem “as suas reivindicações” agudizando as disputas territoriais que têm com a China, gerando no processo uma escalada de ações de demonstração de força e de dissuasão que poderão obrigar o governo chinês a responder proporcionalmente de acordo com a interpretação que fará de cada situação no plano externo e interno, o que poderá não ser necessariamente benéfico para a estabilidade regional (Wu, 2012).

Os mesmos especialistas reconhecem a existência de um dilema central para os EUA que resulta da necessidade de ter de demonstrar uma capacidade robusta de empenhamento regional de forma a limitar a perceção chinesa de que estão em

35 Comunicação do General Xiong Guangkai, efetuada em 15 de novembro de 2007, no painel intitulado “*The Asia-Pacific Strategy of Major Powers*”, aquando do Simpósio Internacional sobre Segurança na Ásia-Pacífico, efetuado no Colégio de Estudos de Defesa da Universidade de Defesa Nacional do Exército Popular de Libertação. Questionado pelo autor se a multipolaridade permitiria mitigar esta futura dificuldade cooperativa da China, o General Xiong referiu que “sim, mas poderia não ser suficiente” (notas do autor).

declínio. No entanto estas ações irão ser encaradas por Pequim com resiliência e como sendo um desafio norte-americano aos seus interesses nacionais e vitais, pelo que o conceito de “*rebalancing to Asia*” é interpretado na verdade como um “*rebalancing of power*” direcionado à China (Wang, 2011; Wang [Tian], 2011; Qi, 2011).

Ou seja o “regresso dos EUA à Ásia” tende assim a ser percecionado como uma “estratégia abrangente e multidimensional de contenção 2.0 da China” que no plano da segurança e defesa segue um arco geográfico periférico que começa na Ásia Central (Afeganistão e Quirguistão³⁶), passa pela Índia, pretende entrar por Myanmar, continua pela Tailândia, Singapura, Malásia, Vietname, Filipinas, Taiwan, Coreia do Sul e Japão, com a Mongólia, a Indonésia e a Austrália numa segunda linha não menos importante – num *upgrade* do sistema regional de *hub and spokes* reminiscente da Guerra Fria (Dai, 2010; Yang, 2005a: 141-142; Meng, 2003: 86).

A criação da Parceria Trans-Pacífico em finais de 2011 - ainda que tenha sido uma ideia inicial do Brunei, Singapura, Chile e Nova Zelândia em 2005 à qual os EUA só juntaram em 2008 – é vista como uma dimensão geoeconómica deste mesmo *balancing* e “cerco” (Li, 2012: 17-27; Yang, 2012: 57), pois a maioria dos países participantes têm relações de cooperação político-militar com os EUA (Song, 2011; Ding e Ji, 2011). É advogado por alguns investigadores o desenvolvimento e implementação de uma estratégia regional ainda mais afirmativa e atrativa economicamente por parte da China como resposta a este “*soft encirclement* norte-americano” (s.a., 2011). Perante esta perceção relativa a estes novos desenvolvimentos na envolvente externa regional alguns estrategistas como Zhang Weiwei (2011; 2012: 15 e 27), Yan Xue-tong (2012) e Ren Weidong (2012) sugerem que talvez comece a ser aconselhável ao país ajustar a sua grande estratégia de forma a responder ao competidor direto norte-americano, tirando partido de algumas vulnerabilidades deste, como aconselha por exemplo, o vice-Presidente da Academia de Ciências Sociais de Xangai, Huang Renwei (2012). Outros vão mais longe ao advogar, por exemplo, o repensar da estratégia tradicional de não participação em alianças (Fen, 2012: 129-148). Não obstante analistas como Wang Honggang (2011a) defendem que apesar dos novos desafios estratégicos e de segurança regional que os EUA colocam à China, tal opção não faz sentido porque a linha estratégica e de segurança nacional não visa substituir o poder militar norte-americano na Ásia ou noutros pontos do globo, alterando o equilíbrio do sistema, pois as vantagens associadas à preservação do atual sistema ainda suplantam as desvantagens.

No entanto é reconhecida quase transversalmente a necessidade de se recalibrar a dinâmica competitiva sino-americana, pois o atual mecanismo de diálogo estratégico visa preservar o *status quo* entre os dois países sem ter em atenção os devidos

36 De onde sairão em 2014 com o término da concessão da base aérea de Manas.

interesses da China, os quais poderão vir a ser ameaçados com esta nova linha de ação estratégica regional de Washington. Se o governo norte-americano pretender preservar o equilíbrio estratégico bilateral deve ter em atenção – segundo alguns estrategistas – o respeito pelas reivindicações de soberania territorial da China (Sul do Mar da China) e pela abordagem negocial cooperativa de Pequim, não interferindo nas questões de Taiwan, do Tibete e de Xinjiang³⁷.

Outros advogam a preservação de uma posição de não resposta demasiado assertiva à ofensiva geoestratégica asiática dos EUA, a qual, não obstante, deverá funcionar como um catalisador para que a sua política externa regional efetue um esforço adicional de introspeção no sentido de aperfeiçoar mais e melhor a atratividade internacional da sua grande estratégia de “desenvolvimento pacífico” (Zhu, 2011: 5-6; Wu, 2011, Shen, 2012). Um ponto parece comum a todos os campos: é o de que existe um crescente défice de confiança mútua nas relações bilaterais sino-americanas (Lanxin, 2012: 113).

Observações Conclusivas

Os debates que orbitam a “grande estratégia de Desenvolvimento Pacífico” da China ilustram na sua essência a existência de uma vigorosa envolvente intelectual que marca uma rotura com o passado, onde a aprovação e divulgação de um conceito ou formulação ideológica pela liderança central era mais do que suficiente para a sua aceitação e divulgação sem que houvesse uma discussão tão especializada quanto abrangente. Refletem concomitantemente uma maior abertura desta mesma liderança política face à multiplicidade de posições e de argumentos relativos à condução da política externa chinesa, demonstrando por vezes a capacidade – inaudita há poucas décadas atrás – de reavaliar esta mesma política com base em algumas das recomendações/sugestões resultantes destes debates.

Se o fator de tomada de decisão é a quantidade de sugestões/críticas ou a qualidade das mesmas é algo que não se sabe porque desconhece-se o maior ou menor grau de influência decisória que muitos dos *think tanks* e respetivos investigadores, diplomatas e militares possuem, bem como os mecanismos de filtragem vertical interna dos inúmeros relatórios que são produzidos – nomeadamente quantos e quais chegam efetivamente a debate e decisão tanto no Comité do Politburo, no Conselho de Estado ou nas reuniões dos diversos “Pequenos Grupos de Líderes” (Jakobson e Knox, 2010).

Dos quatro debates relativos à implementação da grande estratégia, tanto o pri-

³⁷ Comunicações dos Professores Zhu Feng (Universidade de Pequim), Xing Guangcheng (Academia Chinesa de Ciências Sociais) e Li Bin (Universidade Tsinghua) no Simpósio Internacional sobre Segurança na Ásia-Pacífico em novembro de 2007 em Changping, Pequim (notas do autor). Ver também Li (2011).

meiro como o último (que continuará a decorrer), respetivamente sobre a “ascensão/desenvolvimento pacífico” e sobre o “*rebalancing* dos EUA para a Ásia” são os mais relevantes, por marcarem quer uma dimensão percetiva interna de um acentuado crescimento de poder da China quer um constrangimento externo que se crê estar em implementação relativamente à continuidade deste mesmo crescimento, reforçado ainda pelo facto de ambos coincidirem com dois períodos de transição geracional no núcleo central e coletivista da liderança do PCC - período tradicionalmente delicado em termos de política interna.

Permite também constatar que a moldura de atuação estratégica da China alterou-se drasticamente nos últimos dez anos, em resultado de mudanças geopolíticas associadas a uma “Era de híper-globalização” que acentuou a internacionalização da sua economia em resultado da sua adesão à Organização Mundial de Comércio. Como a China tem agora interesses políticos, económicos e de segurança de cariz global, esta interdependência gera oportunidades e desafios acrescidos para a implementação da sua grande estratégia de “desenvolvimento pacífico”, podendo vir a acentuar um défice percetivo externo quanto às suas intenções e objetivos, condicionando a ampla latitude operativa de *low profile* de que beneficiou até agora.

Este contexto coloca os novos líderes chineses numa espécie de *terra incognita*, pois não existe qualquer precedente na história da China em que esta tenha estado tão emersa no sistema internacional como atualmente, o que justifica estes acérrimos debates e as diferentes e conflitantes perspetivas sobre o papel e atuação do país no seio do mesmo (Yan, 2001: 33-39).

A liderança em Pequim sempre procurou maximizar os ganhos resultantes da sua imersão na economia mundial e simultaneamente limitar ao máximo os fatores que possam fragilizar a sua legitimidade interna. Ao mesmo tempo que deseja evitar uma rivalidade aberta com os EUA, não deixará de bloquear, subverter e contornar os esforços que crê como de “condicionamento à sua ascensão” por parte de Washington, o que requer ações ambiciosas mas não abertamente confrontacionais no plano da sua política externa. Esta estratégia resulta do reconhecimento tácito de que as repetidas asserções sobre a sua “ascensão pacífica” parecem ter caído em “ouvidos moucos norte-americanos” – pouco recetivos à compreensão de princípios Confucionistas que privilegiam o ajustamento moral ao mundo em detrimento de um domínio racionalista do mesmo – preferindo anotarem e reagirem face à infração parcelar das três primeiras das seis garantias da estratégia de “desenvolvimento pacífico”, particularmente notórias entre 2009 e 2010, incentivadas pela crise financeira internacional e pela perceção de que o “declínio elegante” dos EUA era agora um processo inevitável.

O tom e o conteúdo de várias declarações oficiais de Pequim face aos EUA e a alguns dos seus aliados regionais asiáticos bem como a maior assertividade geoes-

tratégica relativamente às disputas territoriais marítimas no Sul do Mar da China e no Leste do Mar da China durante estes dois anos confirmam esta percepção.

No entanto, esta opção revelou-se particularmente contraproducente para os interesses regionais chineses, levando a uma maior aproximação no plano da segurança e defesa de vários países da ASEAN aos EUA bem como à reformulação da estratégia de Washington para a região.

Perante a envolvente de segurança regional agora menos favorável, em finais de 2010 e durante os anos de 2011-2012, a China recuperou um discurso mais moderado, conciliador e de “controlo de danos”, no qual reafirmou as suas intenções pacíficas reconhecendo através de Zheng Bijian e do Conselheiro de Estado Dai Bingguo, que a estratégia de “desenvolvimento pacífico” tinha de ser reajustada de acordo com a linha política tradicional de política externa assente na prudência, modéstia e cautela (*tao guang yang bui*) e na partilha de interesses comuns (Dai, 2010; Zheng, 2011: 22-25).

Concomitantemente, Pequim está agora novamente numa posição geoestratégica mais defensiva, mas não descurará a possibilidade de aproveitar as oportunidades que lhe surgirem para obter a iniciativa e alguns ganhos ao nível tático, os quais se todos somados continuarão a conferir-lhe uma crescente autoconfiança e preponderância internacional, na melhor tradição estratégica de Deng Xiaoping. Mas esta estratégia de preservação de um *low profile* que é ciclicamente recauchutada (People’s Daily Online, 2012), não pode continuar a ser aplicada indefinidamente porque padece cada vez mais de contradições entre os objetivos de desenvolvimento nacional e a dinâmica crescentemente fluida – não necessariamente mais estável – existente no sistema internacional (Monteiro, 2012: 9-40) e na Ásia-Pacífico em particular (Friedberg, 2011: 138-139), agravada nas palavras de Edward Luttwak (2012: 260), “por uma cultura estratégica que tem tanto de intelectualmente sedutor quanto de disfuncional”. A assunção de posições por vezes ambíguas em termos de política externa e de segurança – algumas das quais contraditórias com as ações conduzidas por Pequim no plano regional asiático entre 2009-2010 – ainda que com o intuito de manter em aberto o maior número de opções em prol da prossecução de objetivos de estabilidade e desenvolvimento interno, acabam por demonstrar mais limitações que virtudes, algo de particularmente delicado quando o país está uma vez mais numa encruzilhada – num novo “período crítico”³⁸.

No plano interno, os ingredientes do atual modelo de desenvolvimento económico e político estão a aproximar-se do final do seu prazo de validade, requerendo cor-

38 Como enfatizou o Primeiro-Ministro Wen Jiabao, aquando do seu relatório ao Congresso Nacional do Povo, em 5 de março de 2012, ao advogar reformas estruturais profundas no plano político e económico, sob pena de uma estagnação e eventual colapso futuro (Wen, 2012: 544-545).

reções decisivas para garantir a estabilidade política e social e a continuidade do seu desenvolvimento económico a longo prazo – uma tarefa complexa mas não de todo impossível para a nova geração de políticos, liderada por Xi Jinping.

Por outro lado a superpotência norte-americana está a desenvolver um conjunto de ações políticas, económicas e militares ao abrigo de uma formulação por enquanto meramente semântica (“*Asia pivot* ou do *rebalancing to Asia*”) mas que é interpretada como um “Obamanismo (*Aobama zhuyi*) apoiado num *smart containment power* (*zhineng ezhi quanli*) da China” (s.a., 2011c), que visa constringer no mínimo, e conter no máximo, tanto a liberdade de ação desta como a sua influência regional, podendo em última análise serem consideradas como passíveis de justificar um reajustamento mais rápido e acentuado da sua grande estratégia, como se pode extrapolar pela acesa quarta vaga de debates iniciada em 2011³⁹.

Como as linhas divisórias entre a política interna e a política externa chinesa tendem a ser cada vez mais ténues, cada opção que a China tomar no plano interno terá repercussões no plano internacional e vice-versa. Subjacente a tais opções estará a forma como a China se percecionará na escala de poder relativo, quais serão os seus objetivos a longo prazo no plano regional (coexistência, preponderância ou primazia), e como percecionará a continuação ou não da primazia dos EUA no sistema internacional e na Ásia em particular (Li, 2004: 10-11).

Num período de transição de poder para a quinta geração de líderes políticos chineses e de uma persistente instabilidade económica e financeira global – ainda que para Pequim inserida numa janela de oportunidade estratégica (*xhanlue jiyu qi*), o qual não se prolongará para além de 2020 – tal implica para o novo governo a consecução de duas grandes tarefas: a necessidade de readaptar o seu discurso de “desenvolvimento pacífico” à continuidade da ascensão da China no seio do sistema internacional que deseja que seja estável e “harmonioso” (Xia, 2004: 58; Yang, 2003: 60-67; Liu, 2003: 19-21); e a inevitabilidade de ter de tomar decisões tão claras quanto difíceis em termos de política externa, as quais não pode continuar a protelar e/ou mitigar sob um lema de preservação de um “*low profile*” ante a primazia global norte-americana.

Neste contexto, as declarações de Xi Jinping aquando de uma reunião com o Secretário do Tesouro dos EUA, Henry Paulson, em Pequim em finais de 2011, e da sua visita aos EUA em fevereiro de 2012, podem indiciar uma primeira alteração na linha estratégica de relacionamento bilateral sino-americano, passando da anterior

39 Em boa verdade espoletado através do debate entre Shen Dingli, diretor do Centro de Estudos Americanos da Universidade de Fudan; Ni Feng, diretor do Instituto de Estudos Americanos da Academia Chinesa de Ciências Sociais; Han Xudong, professor do Departamento de Estratégia da Universidade de Defesa Nacional e Ding Gang, editor do jornal “Diário do Povo” descrito no *Global Times* (2010).

“lógica de redução das diferenças” (*mi he fenqi*) para uma de “gestão e controlo das diferenças” (*guan kong fenqi*)⁴⁰.

Ainda que o “*rebalancing* asiático” dos EUA possa vir a ter tanto de *containment* da China quanto a ascensão desta terá de pacífico, não deixa de ser relevante notar o facto de a expressão *hedging* face a Pequim (*i.e.* “cooperar quando se pode e dissuadir quando se deve”) – com a sua instrumental e utilitária ambiguidade e flexibilidade estratégica – ter desaparecido do léxico diplomático e académico regional asiático desde meados de 2012. Vaticinar tanto otimística como pessimisticamente o comportamento futuro da China em termos de segurança regional parece-nos ser atualmente prematuro no melhor dos casos e desnecessariamente provocador no pior deles, pelo que se avizinham tempos interessantes resultantes de um dinâmico e persistente *great power balancing game* na região asiática.

Referências

- Bell, Daniel (2008). *China's New Confucianism: Politics and Everyday Life in a Changing Society*. New Jersey: Princeton University Press.
- Blum, Samantha (2003). “Chinese Views of U.S. Hegemony”. *Journal of Contemporary China* n.º 35, pp. 239-264.
- Cai, Jianwei (ed) (1996). *Zhongguo da Zhanlue: Lingdao Shijie de Lantu* (A Grande Estratégia da China: Um Modelo para uma Liderança Mundial). Haikou: Hainan chubanshe.
- Carlson, Allen (2005). *Unifying China, Integrating with the World: Securing Chinese Sovereignty in the Reform Era*. Stanford: Stanford University Press.
- Carriço, Alexandre (2012). *Os Livros Brancos da Defesa da República Popular da China, 1998-2010: Uma Desconstrução do Discurso e das Perceções de (In)segurança*. Lisboa: Instituto da Defesa Nacional.
- Chance, Giles (2010). *China and the Credit Crisis: The Emergence of a New World Order*. New York: Wiley.
- Chase, Michael e Benjamin Purser (2012). “Pivot and Parry: China’s Response to America’s New Defense Strategy”. *China Brief* n.º 6. Disponível em http://www.jamestown.org/programs/chinabrief/single/txt_tnews%5Btt_news%5D=39143&cHash=284d79d86e352a6be468df1a6ef1161f.

40 Ainda mais justificado pelo *lapsus linguae* de Barack Obama aquando do terceiro e último debate para as eleições presidenciais de 2012, no qual classificou a China como sendo “um adversário e um parceiro” (Rogin, 2012). Ver também Xie (2011) e Zhu (2012b). Para uma soberba análise sobre os dilemas das relações sino-americanas e os riscos que as pautam ver Kissinger (2011: 540-548).

- Chen, Peiyao e Xia Liping (2004). *Xin Shiji Jiyuqi yu Zhongguo Guoji Zhanlue* (O Período de Oportunidade no Novo Século e a Estratégia Internacional da China). Beijing: Shijian chubanshe.
- Chen, Qinghong (2009). “Shijie Jinrong Weiji dui Guoji Geju de Yingxiang Yantaohui Huiyi Zongsu” (Sumário da Conferência sobre o Impacto da Crise Financeira Global na Situação Internacional). *Xin yuanyan* n.º 9 (Novo Pensamento), pp. 2-4.
- Chen, Xiankui e Xin Xiangyang (2004). “Zhongguo Heping Jueqi shi fou Keneng?” (É ou Não Possível a Ascensão Pacífica da China?). Disponível em http://china.com.cn/xsbs/txt/2004-08/30/content_5648323.htm.
- Chen, Yugang (2009). “Jinrong Weiji, Meiguo Shuailuo yu Guoji Guanxi Geju Bianpinghua” (A Crise Financeira, o Declínio Americano e o Achatamento da Estrutura Internacional). *Shijie jingji yu zhengzhi* n.º 5 (Economia e Política Mundial), pp. 28-34.
- Chih, Yishih (1993). *China Just the World: the Morality in Chinese Foreign Policy*. Boulder: Lynne Rienner.
- Chu, Shulong (1999). “Zhongguo de Guojia Liyi, Guojia Liliang, he Guojia Zhanlue” (Interesses nacionais, Poder Nacional e Estratégia Nacional da China). *Zhanlue yu Guanli* n.º 4 (Gestão e Estratégia), pp. 1-21.
- Clinton, Hillary (2011). “Remarks on Principles for Prosperity in the Asia-Pacific”. Hong Kong, 25 de julho. Disponível em <http://www.state.gov/secretary/rm/2011/07/169012.htm>.
- Clinton, Hillary (2011a). “America’s Pacific Century”. *Foreign Policy*, November. Disponível em http://foreignpolicy.com/articles/2011/10/11/america_pacific_century?page=full.
- Cui, Liru (2009). “Globalization Era vs International Order Transformation”. *Contemporary International Relations*, May/Jun. Disponível em <http://www.cicir.ac.cn/english/ArticleView.aspx?nid=912>.
- Cui, Liru (2010). “Quanqiu Shidai yu Duoqi Shijie” (Um Mundo Multipolar na Era da Globalização). *Xiandai guoji guanxi* n.º 1 (Relações Internacionais Contemporâneas), pp. 1-4.
- Cui, Liru (2012). “Peaceful Rise: China’s Modernization Trajectory”. Disponível em <http://www.cicir.ac.cn/english/newsView.aspx?nid=3989>.
- Cui, Tiankai (2005). “Zhongguo Daibiao Chanshu Xinanquanguan, Chengbu Xunqiu Paitaxing Zhanlue Liyi” (Representante Chinês Explica o Novo Conceito de Segurança Proclamando a Não Inclinação para a Prosecação de Interesses Estratégicos Exclusivos). Disponível em <http://news.sina.com.cn/2005-06-05-00106081722s.shtml>, 5 de junho.
- Dai, Bingguo (2010). “Janchi zhou Heping Fazhan Zhi lu” (Adesão ao Caminho do Desenvolvimento Pacífico). *Waijiaobu wangzhan* (Ministério dos Negócios Estrangeiros), 6 de dezembro.
- Dai, Xu (2010). “C Xing Baowei Quan” (O Cerco em Forma de C). *Beijing Wenxue* n.º 3 (Literatura de Beijing).
- Deng, Yushan (2012). “Build Trust to Avert Tragedy”. *Xinhua*, 7 de maio. Disponível em http://news.xinhuanet.com/english/indepth/2012-05/07/c_131573482.htm.
-

- Deudney, Daniel e G. John Ikenberry (2012). *Democratic Internationalism: An American Grand Strategy for a Post-exceptionalist Era*. Council on Foreign Relations. Disponível em <http://www.cfr.org/united-states/democratic-internationalism-american-grand-strategy-post-exceptionalist-era/p29417>.
- Department of Defense (2012). *Sustaining US Global Leadership: Priorities for 21st Century Defense*. janeiro. Disponível em http://www.defense.gov/news/Defense_Strategic_Guidance.pdf.
- Ding, Gang (2009). “Guojia Caifu Yunyong, Guanjian shi Gongping” (É Justo Aplicar a Riqueza das Nações”. *Huaiqiu shibao* (Tempos Globais), 13 de março. Disponível em <http://world.huanqiu.com/roll/2009-03/409292.html>.
- Ding, Gang, e Ji Peijuan (2011). “Mei Licu Fan Taipingyang Huoban Guanxi” (EUA Atribuem Grande Importância à PTP). *Renmin ribao* (Diário do Povo), 27 de julho. Disponível em http://news.xinhua.com/world/2011-07/27/c_121725596.htm.
- Fang, Guangshun (2007). “Duoyuan Wenhua de Hexie Fazhan yu Goujian Hexie Shijie” (O Desenvolvimento de uma Cultura Harmoniosa e Plural e a Construção de um Mundo Harmonioso) em Ma Zhengang (ed), *Jianshe Hexie Shijie de Zhanlue Huanjing yu Lilun Tansuo* (A Envolvente Estratégica e Explorações Teóricas para a Construção de um Mundo Harmonioso). Beijing: Dangdai shijie chubanshe, pp. 55-64.
- Fen, Zhang (2012). “China New Thinking on Alliances”. *Survival* n.º 5, pp. 129-148.
- Feng, Zhaokui (2003). “Lun Zhongri Guanxi Xinsiwei” (Sobre o Novo Pensamento das Relações Sino-Japonesas). *Shijie jingji yu zhengzhi* n.º 9 (Economia Mundial e Política), pp. 1-17.
- Friedberg, Aaron (2011). *A Contest for Supremacy: China, America, and the Struggle for Mastery in Asia*. New York: Norton.
- Gaddis, John Lewis (1982). *Strategies of Containment: A Critical Appraisal of Postwar American National Security Policy*. New York: Oxford University Press.
- Gao, Quanxi (2004). “Chaoyue Zhangzheng yu Heping: Yizhong Zhengzhi Zhaxue de Sikao” (Ultrapassar a Paz e a Guerra: Um Pensamento Político-Filosófico). Disponível em <http://www.tecn.cn/data/detail.php?id=6545>.
- Gao, Zugui e Liu Yu (2010). “The Great Financial Crisis Catalyzes Great Transformations and Adjustments”. *Contemporary International Relations*, Mar/Apr. Disponível em <http://www.cicir.ac.cn/english/ArticleView.aspx?nid=1927>.
- Gill, Bates e James Mulvenon (2002). “Chinese Military-Related Think Tanks and Research Institutions”. *The China Quarterly* n.º 171, pp. 617-624.
- Glaser, Bonnie e Phillip Saunders (2002). “Chinese Civilian Foreign Policy Research Institutes: Evolving Roles and Increasing Influence”. *The China Quarterly* n.º 171, pp. 597-616.
- Glaser, Bonnie e Evan Medeiros (2007). “The Changing Ecology of Foreign Policy-Making in China: The Ascension and Demise of the Theory of ‘Peaceful Rise’”. *The China Quarterly* n.º 190, pp. 291-310.
- Glaser, Bonnie e Benjamin Dooley (2009). “China’s 11th Ambassadorial Conference Signals Continuity and Change in Foreign Policy”. *China Brief* n.º 22, pp. 8-12.

- Glaser, Bonnie (2011). *A Shifting Balance: Chinese Assessments of U.S. Power*. Center for Strategic and International Studies (CSIS). Disponível em http://csis.org/files/publication/110613_glaser_CapacityResolve_web.pdf.
- Global Times (2010). "US Strategy Aimed at Hearts and Minds". Disponível em <http://www.globaltimes.cn/opinion/commentary/2010-06/538012.html>.
- Godement, François (2011). "China Debates its Global Strategy". *China Analysis*. Disponível em http://www.ecfr.eu/page/China%20Analysis_China%20debates%20its%20global%20strategy_April2011.pdf.
- Goldstein, Avery (2006). *Rising to the Challenge: China's Grand Strategy and International Security*. Stanford: Stanford University Press.
- Gray, Colin (2009). *Fighting Talk: Forty Maxims on War, Peace and Strategy*. Washington: Potomac books.
- Guan, Mengjue (1984). "Jianshe you Zhongguo Tese de Shehui Zhuyi Jingji Chutan: Xuexi Deng Xiaoping Wenxuan Zhaji" (Um Exame Preliminar da Construção da Economia Socialista com Características Chinesas). *Jilin shehui kexue xuebao* n.º 2 (Jornal de Ciências Sociais de Jilin), pp. 2-24.
- Guo, Baogang e Li He (eds) (2012). *The Chinese Labyrinth: Exploring China's Development Model*. Lanham: Lexington Books.
- Guo Shuyong (2004). *Daqiao Jueqi Yanjiu de Luoji Qidian* (A Lógica da Investigação sobre a Ascensão das Grandes Potências). Disponível em <http://www.tecn.cn/data/detail.php?id=6233>.
- Guo, Xingang (2003). "Meiguo Quanqiu Zhanlue de Zhongxin Zhuanyi" (A Mudança das Prioridades Estratégicas Globais dos EUA). *Guoji wenti yanjiu* n.º 2 (Estudos Internacionais), pp. 41-45.
- Guo, Yuli, Lin Xinzhu e Chu Shulong (2009). "Meiguo, Zhongguo de Fazhan Bianhua yu Shijie Geju" (Mudanças Incrementais na China e Estados Unidos: o que Significam para o Mundo). *Xiandai guoji guanxi* n.º 4 (Relações Internacionais Contemporâneas), pp. 37-40.
- Haass, Richard (2008). "The Age of Nonpolarity: What Will Follow U.S. Dominance". *Foreign Affairs* May/June. Disponível em http://www.foreignaffairs.org/20080501fessay87304/richard_n_haass/the_age_of_nonpolarity.html.
- Halper, Stefan (2010). *The Beijing Consensus*. New York: Basic Books.
- Hao, Yufan (2012). "Zhongguo Yinggai Xuehui Yousuo Zuowei" (A China Necessita de Dominar a Forma como Deve 'Alcançar Algo'). *Caijing* n.º 314 (Finanças), pp. 97-99.
- Harvard University Gazette (2003), 10 de dezembro. Disponível em <http://www.news.harvard.edu/gazette/2003/12.11/10-wenspeech.html>.
- He, Liangliang (2012). "Zhongguo yu Zhizheng TPP" (China Planeia Contrabalançar Influência da PTP). *Ibtimes.com.cn*, 17 de janeiro. Disponível em http://www.ibtimes.com.cn/articles/20120117/050402_all.htm.

- He, Xin (1996). *Zhonghua Fuxing yu Shijie Weilai* (O Reavivar da China e o Futuro do Mundo). Chengdu: Sichuan renmin chubanshe (2 volumes).
- Hill, Charles (2010). *Grand Strategies: Literature, Statecraft, and World Order*. New Haven: Yale University Press.
- Horizon Research and Consulting Group (2010). “Rentong yu Qiwang: Zhongguo Gongzhong he Zaihua Waiguoren Yanzhong de Zhongguo Guojia Diweiguan Diaocha” (Identidades e expectativas: Uma Sondagem sobre o Estatuto Internacional da China aos Olhos do Público Chinês e dos Estrangeiros). Disponível em <http://www.cdrf.org.cn/a/China%20Development%20Forum/2010/diweibaogao.pdf>
- Hu, Angang (2004). “Ruhe Kandai Zhongguo Jueqi” (Como Perceber a Ascensão da China) em Meng Honghua (ed), *Zhongguo: Daguo Jueqi* (China: A Ascensão do Poder). Hangzhou: Zhejiang renmin chubanshe.
- Huang, Renwei (2012). “Zhua Zhu Meiguo Juxian Zhengqu Geng da Jiyu” (Aproveitar as Limitações Americanas para Obter Novas Oportunidades). *Xinhua*, 20 de dezembro. Disponível em http://news.xinhuanet.com/world/2012-12/20/c_124122632.htm
- Huang, Xiaoming, Alexander Tan e Bandyopadhyay (eds) (2012). *China, India and the End of Development Models*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Huang, Ying (2009). “Summary of Symposium on the First Anniversary of the World Financial Crisis”. *Contemporary International Relations*, Nov/Dec. Disponível em <http://www.cicir.ac.cn/english/ArticleView.aspx?nid=931>.
- Huang, Ying (2009a). “Jinrong Weiji Zhounian Zuotanhui Jiyao” (Sumário do *Workshop* sobre o Aniversário da Crise Financeira). *Xiandai guoji guanxi* n.º 11 (Relações Internacionais Contemporâneas), pp. 4-8.
- Information Office of the State Council of the People’s Republic of China (2005). *China’s Peaceful Development Road*. Disponível em <http://www.gov.cn/english/2005/Dec/152669.htm>.
- Information Office of the State Council of the People’s Republic of China (2011). *White Paper on China’s Peaceful Development*. Disponível em http://www.gov.cn/english/official/2011-09/06/content_1941354.htm.
- Jakobson, Linda e Dean Knox (2010). *New Foreign Policy Actors in China*. SIPRI Policy Paper n.º 26. Disponível em <http://www.sipri.org/files/PP/SIPRIPP26.pdf>.
- Jiang, Xiyuan e Xia Liping (2004). *Zhongguo Heping Jueqi* (Ascensão Pacífica da China). Beijing: Zhongguo shehui kexue chubanshe.
- Jiang, Ye (2002). “Will China be a “Threat” to Its Neighbors and the World in the Twenty First Century?”. *Ritsumeikan Annual Review of International Studies*, pp. 55-68. Disponível em <http://www.ritsumeikan.ac.jp/acd/cg/ir/college/bulletin/e-vol1/1-4jiang.pdf>.
- Jiang, Yong (2008). “Jintong Weiji de Yingxiang yu Zhongguo de Cuice” (Implicações da Crise Financeira e Estratégia da China). *Shijie jingji yu zhengzhi* n.º 12 (Economia e Política Internacional), pp. 12-21.

- Jiang, Zemin (2002). "Full Text of Jiang Zemin's Report at 16th Party Congress", Section 9, "On the International Situation and Our External Work". Beijing, 8 de novembro. Disponível em http://english.people.com.cn/200211/18/eng20021118_106985.shtml.
- Jingbian, Chengyu Cidian (2005). "Shanghai Oraz Taoguang Yanghui de Tejiu Shenmingli" (A Persistente Relevância do Provérbio *Taoguang Yanghui*). Disponível em http://news.xinhuanet.com/comments/2005-11/07/content_3744965.htm.
- Jindi, Wangtian (2009). *Daquo Youxi: Kan Zhongguo Ruhe Keying Shijie* (Jogo das Grandes Potências: Como a China Prevalece no Mundo). Beijing: Shijie zhishi chubanshe.
- Jiang, Yong (2011). "Problems facing China's going out". *Contemporary International Relations*, Sep/Oct. Disponível em <http://www.cicir.ac.cn/english/ArticleView.aspx?nid=3342>.
- Kallio, Jyrki (2011). *Tradition in Chinese Politics: The Party-state's Reinvention of the Past and the Critical Response from Public Intellectuals*. Helsinki: The Finnish Institute of International Affairs.
- Kagan, Donald (2003). *The Peloponnesian War*. New York: Viking Press.
- Kelly, Robert (2012). "How China Could Counter Obama's Asia Pivot". Disponível em <http://globalpublicsquare.blogs.cnn.com/2012/04/05/how-china-could-counter-obamas-asia-pivot/>
- Kennan, George (1950). *American Diplomacy, 1900-1950*. Chicago: University of Chicago Press.
- Kennedy, Paul (1988). *Ascensão e Queda das Grandes Potências* (2 volumes). Mem-Martins: Europa-América.
- Kennedy, Paul (1991). "Grand Strategy in War and Peace: Toward a Broader Definition" em Paul Kennedy (ed), *Grand Strategies in War and Peace*. New Haven: Yale University Press, pp. 1-7.
- Kim, Samuel (1993). "Sovereignty in the Chinese Image of World Order" em R. J. Macdonald (ed), *Essays in Honor of Wang Tieya*. London: Kluwer Academic.
- Kissinger, Henry (2011). *On China*. London: Penguin.
- Kuhn, Robert (2010). *How China's Leaders Think*. Singapore: John Wiley & Sons (Asia).
- Kuo, Shuyong (2005). "Lun Zhongguo Jueqi Yu Shijie Zhixu De Guanxi" (Sobre a Relação entre a Ascensão da China e a Ordem Mundial". *Taipingyang xuebao* n.º 6 (Jornal do Pacífico), pp. 3-11.
- Lanxin, Xiang (2012). "China and the 'Pivot'". *Survival* n.º 5, pp. 113-128.
- Lampton, David (2008). *The Three Faces of Chinese Power: Might, Money, and Minds*. Berkeley: University of California Press.
- Layne, Christopher (1993). "The Unipolar Illusion: Why New Great Powers Will Rise". *International Security* n.º 4, pp. 5-51.
- Layne, Christopher (2006). *The Peace of Illusions: American Grand Strategy from 1940 to the Present*. Ithaca: Cornell University Press.

- Le, Yucheng (2011). "The Rapid Development of China's Diplomacy in a Volatile World". Disponível em <http://www.fmprc.gov.cn/eng/wjb/zygy/g yhd/t890675.htm>.
- Li, Bin (2008). "Insights into the Mozi and their Implications for the Study of Contemporary International Relations". *Chinese Journal of International Politics* n.º 2, pp. 421-454.
- Li, Erbing (2004). *Zhongguo 21 Shiji Qianqi Duiwai Zhanlue de Xuanze* (Escolhas de Política Externa da China no Início do Século 21). Beijing: Bei chubanshe.
- Li, Hongmei (2009). "US Hegemony Ends, Era of Global Multipolarity Enters". *People's Daily*, 24 de fevereiro. Disponível em <http://english.peopledaily.com.cn/90002/96417/6599374.htm>.
- Li, Jingzhi (2003). "Shijie Geju he Daguo Guanxi de Xinbianhua: Yilake Zhangzheng ji qi Yingxiang Xiping" (Alterações no Padrão Mundial e as Relações entre as Grandes Potências: uma Análise da Guerra do Iraque e do seu Impacto). *Guoji lutan* n.º 3 (Fórum Internacional), pp. 1-8.
- Li, Jinmin (2011). "Nanhai Zhengyi Xianzhuang yu Quwai Daguo de Jieru" (O Sul do Mar da China: Disputas e Grandes Potências Externas). *Xiandai Guoji Guanxi* n.º 2 (Relações Internacionais Contemporâneas), pp. 16-32.
- Li, Qiang (2004). "Heping Jueqi yu Zhongguo Fanzhan Zhanlue de Xuanze (Ascensão Pacífica e Opção de Desenvolvimento Estratégico da China). Disponível em <http://www.tecn.cn/data/detail.php?id=7451>.
- Li, Xiangyang (2012). "TPP, Zhongguo Jueqi Guocheng Zhong de Zhongda Tiaozhan" (PTP: Um Sério Desafio à Ascensão da China). *Guoji jingji pinglun* n.º 2 (Revista de Economia Internacional), pp. 17-27. Disponível em <http://iaps.cass.cn/upload/2012/04/d20120404000752112.pdf>.
- Li, Yonghui (2009). "Jinrong Weiji, Guoji xin Zhixu yu Zhongguo de Xuanze" (Crise Financeira, Nova Ordem Mundial e Escolhas da China). *Xiandai guoji guanxi* n.º 3 (Relações Internacionais Contemporâneas).
- Lieberthal, Kenneth e Wang Jisi (2012). *Addressing US-China Strategic Distrust*. John L. Thornton China Center at Brookings. Disponível em http://www.brookings.edu/~media/reserach/files/papers/2012/3/30%20us%20china%20lieberthal/0330_china_lieberthal.pdf.
- Lin, Limin (2010). "World Geopolitics and China's Choices". *Contemporary International Relations*, May/Jun. Disponível em <http://www.cicir.ac.cn/english/ArticleView.aspx?nid=1940>.
- Lin, Limin (2012). "Sino-U.S. Relations "Paradigms" and China's U.S. Strategy". *Contemporary International Relations* n.º 3, May/Jun. Disponível em <http://www.cicir.ac.cn/english/ArticleView.aspx?nid=4086>.
- Liu, Baolai (2011). "It is Too Early to Speak Unfavorably of the U.S. Decline". *Jiefang Daily*, 14 de dezembro. Disponível em http://news.xinhuanet.com/world/2011-12-14/c_122418506.htm.
- Liu, Bin (2003). "Shilun Ershi Nian de Guoji Zhanlue de Zhengming ji qi Qishi Yiyi" (Sobre

- Duas Décadas do Período Internacional de Oportunidades Estratégicas). *Guoji Gunaxi Xueyuan Xuebao* n.º 6 (Jornal da Universidade de Relações Internacionais), pp. 19-21.
- Liu, Jianfei (2009). "Sino-US Relations and Building a Harmonious World". *Journal of Contemporary China* n.º 60, pp. 479-490.
- Liu, Jianfei (2009a). "Guoji Jinrong Weiji Beijing xia de Zhongguo Duiwai Zhanlue" (A Estratégia Externa da China no Pano de Fundo da Crise Financeira Internacional). *Tansuo yu zhengming* n.º 3 (Exploração e Perspetiva Livre), pp. 2-16.
- Liu, Mingfu (2010). *Zhongguo Meng: Hou Meiguo Shidai de Daguo Siwei yu Zhanlue Dingwei* (O Sonho da China: Pensamento de Grande Potência e Orientação Estratégica na Era Pós-Americana). Beijing: Zhongguo youyi chuban gongsi.
- Liu, Yazhou (2004). *Da Guo ce* (A Grande Estratégia Nacional). Disponível em <http://www.yannan.cn/data/detail.php>.
- Liu, Yazhou (2005). *Xinnian yu Daode* (Fé e Moralidade). Disponível em <http://www.yannan.cn/data/detail.php>.
- Lu, Gang e Yong Xuedang (2004). *Zhongguo Weixi Shei? Jiedu "Zhongguo Weixie Lun"* (Para Quem é a China uma Ameaça? Interpretação da Teoria da Ameaça Chinesa). Shanghai: Xueshu chubanshe.
- Luo, Shou e Wang Guifang (2005). "Zhongguo Heping Jueqi de Neihan ji qi Tujing" (O Significado Intrínseco do Percurso de Ascensão da China) em Yan Xuetong e Sun Xuefeng (eds), *Zhongguo Jueqi ji qi Zhanlue* (A Ascensão da China e a sua Estratégia). Beijing: Beijing daxue chubanshe.
- Luce, Edward (2012). "Lunch with FT: Zbigniew Brzezinski". *Financial Times*, 13 de janeiro. Disponível em <http://www.ft.com/cms/s/2/4d03c5f6-3ac1-11e1-a756-00144feabdc0.html#axzz24jiuYSq2>.
- Lynch, Daniel (2009). "Chinese Thinking on the Future of International Relations: Realism as the *Ti*, Rationalism as the *Yong*?" *The China Quarterly* n.º 197, pp. 87-107.
- Luttwak, Edward (1979). *Grand Strategy of the Roman Empire from the First Century A.D. to the Third*. Baltimore: John Hopkins University Press.
- Luttwak, Edward (1983). *The Grand Strategy of the Soviet Union*. New York: St. Martin's Press.
- Luttwak, Edward (2001). *Strategy: The Logic of War and Peace*. Cambridge: Belknap Press of Harvard University Press.
- Luttwak, Edward (2009). *Grand Strategy and the Byzantine 'Operational Code'*. Disponível em <http://www.nids.go.jp/english/event/forum/pdf/2009/02.pdf>.
- Luttwak, Edward (2012). *The Rise of China vs the Logic of Strategy*. Harvard: Belknap Press of Harvard University.
- Ma, Zongshi (2008). "Some Thoughts on 'Harmonious Globalization'". *Contemporary International Relations*, Nov/Dec. Disponível em <http://www.cicir.ac.cn/english/ArticleView.aspx?nid=880>.
-

- Meng, Honghua (2003). "Bian Beidong Wei Zhudong Mouhua, Weihe he Tuozhan Guojia Zhanlue Liyi" (Alterar uma Resposta Passiva num Plano Ativo, Protegendo e Desenvolvendo o Interesse Estratégico Nacional) em Hu Angang (ed), *Zhongguo da Zhanlue* (A Grande Estratégia da China). Hangzhou: Zhejiang renmin chubanshe.
- Meng, Honghua (2005). "Zhongguo Zhanlue Wenhua: Yixiang Yanjiu Yicheng" (Cultura Estratégica da China: um Tópico de Investigação) em Guo Shuyong (ed), *Guoji Guanxi Huiyu Zhongguo Lilun* (As Relações Internacionais Devem Ter uma Teoria Chinesa). Tianjin: Tianjin renmin chubanshe.
- Metz, Steven (2008). *American Grand Strategy: Concepts, History and Futures*. Presentation at the U.S. Army War College Strategic Studies, 1 de abril.
- Mingjiang, Li (2011). "Rising from Within: China's Search for a Multilateral World and its Implications for Sino-US Relations". *Global Governance* n.º 17, pp. 331-351.
- Monteiro, Nuno (2011). "Unrest Assured: Why Unipolarity is Not Peaceful". *International Security* n.º 3, pp. 9-40.
- Murphy, Melissa (2008). *Decoding Chinese Politics: Intellectual Debates and Why They Matter*. CSIS. Disponível em http://csis.org/files/media/pubs/080129_murphydecoding.pdf,
- Ni, Feng (2004). "Guanyu Duojuhua de Yixie Sikao" (Alguns Pensamentos sobre a Multipolarização). *Taipingyang xuebao* n.º 12 (Jornal do Pacífico), pp. 3-17.
- Nicholson, Brendan (2012). "Chinese Top Brass Bags US Influence in Region". *The Australian*, 31 de outubro. Disponível em <http://214.14.134.30/ebird2/ebfiles/e20121031909874.html>.
- Nisbett, Richard (2003). *The Geography of Thought: How Asians and Westerners Think Differently and Why*. New York: Free Press.
- Niu, Hanzhang (2007). "Shixi Haixia Liangan de Yitihua Quxiang" (Análise da Tendência de Integração no Estreito de Taiwan) em Liang Shoude e Li Yihu (eds), *Quanqiuhua yu Hexie Shijie* (Globalização e Mundo Harmonioso). Beijing: Shijie zhishi chubanshe, pp. 360-369.
- Niu, Xinchun e Gao Yiwei (2008). "Zhongmei Guanxi Kewang Chixu Wending" (As Relações Sino-Americanas Devem Permanecer Estáveis). *Heping yu fazhan* n.º 2 (Paz e Desenvolvimento), pp. 10-12.
- Odgaard, Liselotte (2012). *China and Coexistence: Beijing's National Security Strategy for the Twenty-First Century*. Washington: Woodrow Wilson Center Press.
- Pan, Wei (2009). *Zhongguo Moshi: Jiedu Zhongguo Renmin Gongheguo de 60 Nian* (O Modelo da China: Interpretando 60 Anos da República Popular da China). Beijing: Zhongyang bianyi chubanshe.
- Pan, Wei (2009a). "Guoji Guanxi Yongtandiao" (Uma Ária sobre as Relações Internacionais). Discurso aquando da conferência sobre a "Política Externa da China entre 1949 e 2009", realizada em Pequim em 2 e 3 de setembro. Disponível em <http://ccga.pku.edu.cn/html/chenguo/2009002/1822.html>.
- Panetta, Leon (2012). "Remarks by Secretary Panetta at the Shangri-La Dialogue in Singapore". 2 de junho. Disponível em <http://www.defense.gov/Transcripts/Transcript.aspx?TranscriptID=5049>.

- Peng, Guangqian e Yao Youzhi (2005). *The Science of Military Strategy*. Beijing: Military Science Press.
- Peng, Guangqian (2011). “Shaojiang: bu Paichu Youren Liying Waihe Zhijie Zhongguo de Keneng Xing” (Major-General Não Descarta a Possibilidade de Traidores ao Serviço dos EUA Poderem Desmembrar a China”. *Huanqiu shibao* (Tempos Globais), 26 de dezembro. Disponível em <http://mil.huanqiu.com/Observation/2011-12/2289744.html>.
- People’s Daily Online (2012). “Is low-profile strategy outdated for China? “. 2 de novembro. Disponível em <http://english.people.com.cn/90883/8001493.html>
- People’s Republic of China Ministry of Foreign Affairs (2005). “Hu Jintao’s Speech at the Summit Meeting of the United Nations 60th Anniversary”. 16 de setembro. Disponível em <http://www.fmprc.gov.cn/chn/zxxx/t212365.htm>.
- Pflanze, Otto (1990). *Bismarck and the Development of Germany* (2nd edition). New Jersey: Princeton University Press.
- Posen, Barry e Andrew Ross (1996). “Competing Visions for U.S. Grand Strategy”. *International Security* n.º 3, pp. 5-53. Disponível em <http://www.comw.org/pda/14dec/fulltext/97posen.pdf>.
- Qi, Huaigao (2011). “Lengzhanhou Zhongmei Zai Dongya de Zhidu Junshi ji Dui Zhongguo de Qishi” (O *Balancing* Institucional China-EUA na Leste da Ásia e Implicações para a China). *Shijie Jingji yu Zhengzhi* n.º 7 (Economia e Política Mundial), pp. 36-51.
- Qiao, Liang e Wang Xiangsui (1999). *Chao Xian Zhan* (Guerra sem Restrições). Beijing: Zhongguo renmin jiefangjun wenxue yishu chubanshe. Versão em inglês disponível em <http://www.missilethreat.com/repository/doclib/19990200-LiangXiangsui-unrestrictedwar.pdf>.
- Qin, Yaqing (2009). “Guoji Tixi Zhuanxing Yiji Zhongguo Zhanlue Jiyu qi de Yanxu” (Transformação do Sistema Internacional e Continuação do Período de Oportunidades Estratégicas para a China). *Xiandai guoji guanxi* n.º 2 (Relações Internacionais Contemporâneas), pp. 35-37.
- Ramo, Joshua Cooper (2004). *The Beijing Consensus*. London: Foreign Policy Centre.
- Ren, Xiao (2000). *The International Relations Theoretical Discourse in China: a Preliminary Analysis*. Sigur Center for Asian Studies, Asia Paper n.º 9. Disponível em <http://www.gwu.edu/~sigur/pubs/SCAP9-Xiao.pdf>.
- Ren, Weidong (2012). “Zhongguo bixu ye wanquan nenggou ding zhu yali” (A China Deve ser Capaz de Suportar a Pressão). *People’s Daily*, 26 de dezembro. Disponível em http://paper.people.com.cn/rmrhwb/html/2012-12/26/content_1165465.htm
- Robinson, Thomas e David Shambaugh (eds) (1997). *Chinese Foreign Policy: Theory and Practice*. Oxford: Clarendon Press.
- Rogin, Josh (2012). “Obama Contradicts Clinton, Calls China ‘Adversary’”. *The Cable*, 22 de outubro. Disponível em [---

175](http://thecable.foreignpolicy.com/posts/2012/10/22/oba-</p></div><div data-bbox=)

ma_contradicts_clinton_calls_china_an_adversary?utm.

Ruan, Zongze (2004). "What Are the Implications of China's Peaceful Rise to the World". *Boao Forum*, abril. Disponível em <http://www.cfr.org.cn/peacefulrise/ruanzongze1.htm>.

Ruan, Zongze (2007). "China's Peaceful Development from the Perspective of the Transition of the International Order" em Wang Zhongchan e Chen Senlin (eds), *World Security Environment*. Beijing: College of Defense Studies, National Defense University, PLA, pp. 16-24.

Samuels, Richard (2007). *Securing Tokyo's Grand Strategy and the Future of East Asia*. Ithaca: Cornell University Press.

Sem autor (s.a.) (2010). "Tang Jiaxuan Speech on Current International Situation". Universidade de Pequim, 23 de maio de 2010. Disponível em <http://www.sis.pku.edu.cn/web/Browse.aspx?id=1286>.

S.a. (2011). "Zhongguo Ruhe Chuli yu TPP de?" (Como é que a China deve lidar com a PTP?). *Xuexi shibao* (Tempos de Estudo), 19 de dezembro. Disponível em http://www.studytimes.com.cn:9999/epaper/xxsb.html/2011/12/19/02/02_31.htm

S.a. (2011a). "What Does China Tell the World in Its Peaceful Development White Paper?". *Qiushi*, 8 de setembro. Disponível em http://www.qstheory.cn/lg/rpzm/gj/201109/t20110908_108915.htm.

S.a. (2011b). "Chinese Scholars' View on China and the US over the Next 10 Years". *Qiushi*, maio de 2011. Disponível em http://www.qstheory.cn/jj/jt/20120509_156743.htm.

S.a. (2011c). "The Dual Character of US Policy toward China". *People's Liberation Army Daily*, 12 de setembro. Disponível em http://www.mod.gov.cn/big5/opinion/2011-09/12/content_4297235.htm

S.a. (2012). "Meiguo Zhanlue Zhongxin Dong yi yu Wuoguo Anquan" (A Mudança para Leste do Enfoque Estratégico dos EUA e a Segurança do Nosso País) em http://www.big5.xinhuanet.com/gate/big5/news/xinhuanet.com/world/2012-03/17/c_122846063.htm.

S.a. (2012a). "Shi Wei Zhuanjia: Zhongguo Jueqi Bixu Yanfang Shiwu" (Dez Peritos: A Ascensão da China Deve Evitar Erros Estratégicos Graves) em *Huanqiu shibao* (Tempos Globais), 11 de maio.

Shang, Hong (2009). "Jinrong Weiji dui Meiguo Baquan Diwei de Chongji" (Impacto da Crise Financeira na Posição Hegemónica da América). *Xiandai guoji guanxi* n.º 3 (Relações Internacionais Contemporâneas), pp. 30-38.

Shambaugh, David (2002). "China's International Relations Think Tanks: Evolving Structure and Process". *The China Quarterly* n.º 171, pp. 575-596.

Shambaugh, David (2008). *China's Communist Party: Atrophy and Adaptation*. Washington: Woodrow Wilson Center Press.

- Shen, Dingli (2012). "Continuing Peaceful Rise: China's Foreign Policy after the Leadership Transition". *The National Bureau of Asian Research*, 6 de setembro. Disponível em http://nbr.org/research/activity.aspx?id=271&buffer_share=0d9a5.
- Sheng, Ding (2008). "To Build a 'Harmonious World': China Soft Power Wielding in the Global South". *Journal of Chinese Political Science* n.º 2, pp. 194-213.
- Shi, Xuehua (2009). "Ti Zhongguo Moshi Weishi Shangzao" (Ainda é Muito Cedo para Formular o Modelo da China). *Xueshi shibao* (Tempos de Estudo), dezembro, pp. 22-29.
- Shi, Yinhong (2007). "Yilake Zhangzheng yu Zhongmei Guanxi Taishi" (A Guerra do Iraque e o Estado das Relações Sino-Americanas). *Xiandai guoji guanxi* n.º 2 (Relações Internacionais Contemporâneas), pp. 16-17.
- Shirk, Susan (2007). *China: Fragile Superpower*. Oxford: Oxford University Press.
- Sisci, Francesco (2011). "Ordine, Riforme e Apertura all'Occidente: Il Teórico di Hu Jintao ci Spiega la Nuova Ideologia della China". *Il Sole*, 31 de março. Disponível em <http://www.ilsole24ore.com/art/notizie/2011-03-30/ordine-riforme-apertura-occidente-212207.shtml>.
- Song, Guoyou (2011). "TPP Dui Zhongguo You Naxie Yingxiang" (Como a PTP irá Afetar a China). *Shenzhen shangbao* (Diário Económico de Shenzhen), 13 de novembro. Disponível em http://szsb.sxnews.com/html/2011-11-13/content_1821684.htm.
- Song, Wei (2010) "Guoji Jinrong Weiji yu Meiguo de Danji Diwei" (A Crise Financeira Global e o Estatuto Unipolar da América). *Shijie Jingji yu Zhengzhi* n.º 5 (Economia e Política Mundial), pp. 25-48.
- Su, Hao (2010). *Harmonious World: the Conceived International Order in Framework of China's Foreign Affairs*. National Institute of Defense Studies. Disponível em http://www.nids.go.jp/english/publication/joint_research/series3/pdf/3-2.pdf.
- Suettinger, Robert (2004). "The Rise and Descent of 'Peaceful Rise'". *China Leadership Monitor* n.º 12. Disponível em http://media.hoover.org/sites/default/files/documents/clm12_rs.pdf.
- Sui, Jiwan (2006). "Hexie Shijie: Zhongguo Waijiao xin Lixian" (O Mundo Harmonioso: Novo Conceito da Política Externa Chinesa) em Cai Tuo (ed), *Hexie Shijie yu Zhongguo Duiwai Zhanlue* (O Mundo Harmonioso e a Estratégia Externa Chinesa). Beijing: Zhongguo zhengfa daxue chubanshe.
- Sujian, Gao (ed) (2006). *China's "Peaceful Rise" in the 21st Century: Domestic and International Conditions*. London: Ashgate.
- Swaine, Michael e Ashley Tellis (2000). *Interpreting China's Grand Strategy: Past, Present, and Future*. Santa Monica: RAND.
- Swaine, Michael (2011). "China's Assertive Behavior: Part One – On 'Core Interests'". *China Leadership Monitor* n.º 34. Disponível em http://carnegieendowment.org/files/CLM34MS_FINAL.pdf.
-

- Swaine, Michael e Taylor Fravel (2011). "China's Assertive Behavior: Part Two – The Maritime Periphery". *China Leadership Monitor* n.º 35. Disponível em <http://media.hoover.org/sites/default/files/documents/CLM35MS.pdf>.
- Swaine, Michael (2012a). "China's Assertive Behavior: Part Three – The Role of the Military in Foreign Policy". *China Leadership Monitor* n.º 36. Disponível em <http://carnegieendowment.org/files/CLM36MS.pdf>.
- Swaine, Michael (2012b). "Chinese Leadership and Elite Responses to the US Pacific Pivot". *China Leadership Monitor* n.º 38. Disponível em <http://media.hoover.org/sites/default/files/document/CLM38MS.pdf>.
- Tao, Jian (2011). "Ways to Advance China's 'Going Out' Policy". *Contemporary International Relations* n.º 5, Sep/Oct. Disponível em <http://www.cicir.ac.cn/english/ArticleView.aspx?nid=3343>.
- Tian, Yuan e Zhang Xin (2011). "What is Behind US 'Return to Asia' Strategy?". Ver ainda *People's Liberation Army Daily*, 26 de dezembro. Disponível em http://chn.chinamil.com.cn/txjs/2011-12/26/content_4752340.htm.
- Xia, Liping (2004). "Lun Zhongguo Guoji Zhanlue Zhong de Xin Anquangang" (Estudo do Novo Conceito de Segurança na Estratégia Internacional da China) em Chen Peiyao e Xia Liping (eds), *Xin Shiji Jiyuqi yu Zhongguo Guoji Zhanlue* (O Período de Oportunidade no Novo Século e a Estratégia Internacional da China). Beijing: Bei chubanshe.
- Xie, Huanchi (2011). "Xi Jinping huijian Baersen" (Xi Jinping Encontra-se com Paulson). *Renmin bao* (Diário do Povo), 7 de dezembro. Disponível em <http://politics.people.com.cn/GB/1024/16533654.html>.
- Xinhua (2009). "Book Rallying for Social Change Fails to Inspire the Masses". Disponível em http://news.xinhuanet.com/english/2009-03/25/content_11072198.htm.
- Xiong, Guangkai (2010). "Zhongwen Cihui Taoguang Yanghui Fanyi de Waijiao Zhanlue Yiyi" (O Significado Diplomático e Estratégico da Tradução da Frase Chinesa "Taoguang Yanghui"). *Gonggong waijiao jikan* n.º 2 (Revista Quadrimestral de Diplomacia Pública), pp. 55-59.
- Xu, Jin (2008) "Jinrong Weiji Nanyi Dianfu yi Chao Duo Qiang Geju" (A Crise Financeira não Alterará a Estrutura de uma Superpotência, Várias Grandes Potências). *Shijie jingji yu zhengzhi* n.º 12 (Economia e Política Mundial), pp. 26-27.
- Zhang, Baohui (2012). "An Impending Strategic Rivalry? Sino-US Relations after Obama Pivot toward Asia". 6th Berlin Conference on Asian Security. Disponível em http://swp-berlin.org/fileadmin/contents/products/projekt_papiere/BCAS2012_Zhang_baohui_web_final_ks.pdf.
- Zhao, Qizheng (2010). "Zhongguo ying Pinghe Kanshijie, Shenyang Qiangying" (A China Deve Olhar para o Mundo com Moderação e Ser Prudente na sua Assertividade). *Zhongguo qingnian bao* (Diário da Juventude Chinesa), 12 de março.

- Zhang, Jiangjing (2004). "Zhongguo de Jueqi Shi yi Chang Geming" (A Ascensão da China é uma Revolução). Disponível em <http://www.southcn.com/nflr/llzhuanti/hpjq/mtsy/200405130508.htm>.
- Zhang, Liping (2007). "Meiguo Xhuailuo le Ma?" (Estará a América em Declínio?). *Shijie zhishi* n.º 1, pp. 28-42.
- Zhang, Qingmin (2011). *China's Diplomacy*. Singapore: Cengage.
- Zhang, Ruizhang (2009). "Meiguo Shiji Zhende Wan'er Wan le Ma?" (Terá o 'Século Americano' Verdadeiramente Terminado?). *Waijiao pinglun* n.º 3 (Revista de Política Externa), pp. 29-34.
- Zhang, Xiaotong (2009). "Hu Jintao de Shidai Guan Jichu Shang de Zhongguo de Zhuzhang" (Propostas da China com Base no Conceito de Era de Hu Jintao). *Liaowang* (Perspetiva Semanal), 23 de novembro. Disponível em http://dlib.eastview.com/browse/doc/21088215/23-11-09/Zhang_Xiaotong_Liaowang.pdf
- Zhang, Yimeng e Liu Liping (2008). "Scientific Outlook on Development and China's Foreign Policy". *Contemporary International Relations*, Nov/Dec. Disponível em <http://www.cicir.ac.cn/english/ArticleView.aspx?nid=881>.
- Zhang, Yuling e Tang Shiping (2005). "China's Regional Strategy" em David Shambaug (ed), *Power Shift: China and Asia's New Dynamics*. Berkeley: University of California Press.
- Zhang, Weiwei (2011). *The China Wave: Rise of a Civilizational State*. Singapore: World Century.
- Zhang, Weiwei (2011). "Expert: Six Countermeasures to the U.S. Challenges; Hurry up and Turn the Bad Situation Around". *Huanqiu shibao* (Tempos Globais), 18 de novembro. Disponível em <http://mil.huanqiu.com/Observation/2011-11/2184378.html>.
- Zhang, Wenmu (2007). "Sea Power and China's Strategic Choices" em Wang Zhongchan e Chen Senlin (eds), *China's Policies and Positions on Major Security Issues*. Beijing: College of Defense Studies, National Defense University, PLA, pp. 107-115.
- Zhang, Zhaozhong (1995). *Zhangzheng li Women you duo Yuan* (Quão Afastados Estamos de uma Guerra?). Beijing: Beijing: Jiefangjun chubanshe.
- Zhang, Zhaozhong (1999). *Xia yi ge Mubioa Shi Shei* (Quem será o Próximo Inimigo?). Beijing: Zhongguo qingnian chubanshe.
- Zhen, Hao (2012). "Asia Pivot Policy Pragmatic Choice for US". *Global Times*, 10 de junho. Disponível em <http://www.globaltimes.cn/NEWS/tabid/9/ID/713974/Asia-pivot-policy-pragmatic-choice-for-US.aspx>.
- Zheng, Bijian (2003). "A New Path for China's Peaceful Rise and the Future of Asia". Boao Forum, novembro. Disponível em http://history.boaoforum.org/English/E2003nh/dhwj/t20031103_184101.btk.
- Zheng, Bijian (2005). *China's Peaceful Rise: Speeches of Zheng Bijian, 1997-2004*. Disponível em <http://www.brookings.edu/fp/events/20050616bijianlunch.pdf>.
-

- Zheng, Bijian (2006). *Sikao de Licheng – Guanyu Zhongguo Heping Fazhan Daoulu de Youlai, Genju, Neihan, He Qianjing* (O Curso do Meu Pensamento: Sobre a Origem, Base, Significado e Prospetivas do Desenvolvimento Pacífico da China). Beijing: Zhongguo gongchandang xueyuan chubanshe.
- Zheng, Bijian (2011). "From China's 'Peaceful Rise' to Building Communities of Interest". *New Perspectives Quarterly*, Fall, pp. 22-25.
- Zheng, Yongnian (2010). "Organizing China's Inter-State Relations: from 'Tianxia' (All under Heaven) to the Modern International Order" em Zheng Yongnian (ed), *China and International Relations: the Chinese View and the Contribution of Wang Gungwu*. London: Routledge, pp. 293-321.
- Zhong, Sheng (2011). "Goals of US 'Return to Asia' Questioned". *People's Liberation Army Daily*, 18 de outubro. Disponível em <http://english.peopledaily.com.cn/90780/7620216.html>.
- Zhou, Fangyin (2012). "Yingdui Meiguo Chongfan Yazhou" (Responder ao Regresso dos EUA à Ásia). *Zhongguo gaige* (Reforma da China), fevereiro, pp. 78-83.
- Zhu, Feng (2011). "Offense-Defense Gaming in the Asia-Pacific: Sino-American Ties Enter a New Era?". *Freeman Report* Nov/Dec, pp. 5-6. Disponível em <http://csis.org/files/publication/fr11n1112.pdf>.
- Zhu, Feng (2012). "Obama's 'Pivot to Asia' Strategy and Sino-U.S. Relations". *Contemporary International Relations* n.º 3, May/Jun. Disponível em <http://www.cicir.ac.cn/english/ArticleView.aspx?nid=4087>.
- Zhu, Feng (2012a). "On Obama's Asia-Pacific Strategy". *Contemporary International Relations* n.º 1, Jan/Feb. Disponível em <http://www.cicir.ac.cn/english/ArticleView.aspx?nid=4051>.
- Zhu Feng (2012b). "The World According to Xi". *Project Syndicate*. Disponível em <http://www.project-syndicate.org/commentary/xi-jinping-and-china-s-foreign-policy-by-zhu-feng>.
- Zhu, Liqun (2010). *China's Foreign Policy Debates*. Chaillot Papers n.º 121. European Union Institute for Security Studies. Disponível em http://www.iss.europa.eu/uploads/media/cp121China_s_Foreign_Policy_Debates.pdf.
- Zhu, Tiangchang (2000). "Xin Shiji Zhongguo Anquan Zhanlue Gouxiang" (A Estratégia de Segurança da China para o Novo Século). *Shijie jingji yu zhengzhi* n.º 1 (Economia e Política Internacional), pp. 11-15.
- Zou, Xiaoming (2005). "Heping Jueqi Jinfang 'Guojia Jihui Zhuyi'" (A "Ascensão Pacífica" Deve Proteger o "Pragmatismo Nacional"). Disponível em <http://www.tecn.cn/data/detail.php?id=10439>.
- Yan, Xuetong (1996). *Analysis of China's National Interests*. Disponível em http://cns.miis.edu/books/pdfs/China_national_interests.pdf.

- Yan, Xuetong (1998). *Zhongguo de Jueqi: Guoji Huanjing Pinggu* (Ascensão da China: uma Avaliação da Envolvente Internacional). Tianjin: Renmin chubanshe.
- Yan, Xuetong (2001). "The Rise of China in Chinese Eyes". *Journal of Contemporary China* n.º 26, pp. 33-39. Disponível em <http://blog.hiddenharmonies.org/wp-content/uploads/2010/02/yxt.pdf>.
- Yan, Xuetong (2005). "Zhongguo Ren Kan Zhongguo Jueqi" (A Ascensão da China aos Olhos dos Chineses). Disponível em <http://www.irchina.org/xueren/china/view.asp?id=466>.
- Yan, Xuetong e Sun Xuefeng (2005). *Zhongguo Jueqi Jiqi Zhanlue* (A Ascensão da China e a sua Estratégia). Beijing: Beijing Renmin Chubanshe.
- Yan, Xuetong (2008). "Xun Zi's Thoughts on International Politics and their Implications". *Chinese Journal of International Politics* n.º 2, pp. 135-165.
- Yan, Xuetong (2009). "Guojia Zuichonggao Mubiao Bushi Zhifu" (O Objetivo mais Nobre do País não é o de Enriquecer). *Huaiqiu shibao* (Tempos Globais), 13 de março. <http://world.huanqiu.com/roll/2009-03/409292.html>.
- Yan, Xuetong (2011). *Ancient Chinese Thought, Modern Chinese Power*. New Jersey: Princeton University Press.
- Yan, Xuetong (2012). "Weihe Zhongguo Waijiao ye Xuyao Gaige Gainian" (Porque não Abraçar Reformas em Termos de Política Externa da China?). 28 de abril. Disponível em <http://yanxuetongvip.i.sohu.com/blog/view/213787503.htm>.
- Yang, Jiemian (2003). "Zhongyao Zhanlue Jiyu yu Zhongguo Waijiao de Lishi Renwu" (Período Importante de Oportunidade Estratégica e de Missão Histórica para a Diplomacia Chinesa). *Mao Zedong, Deng Xiaoping Itlun Yanjiu* n.º 4 (Estudo das Teorias de Mao Zedong e Deng Xiaoping), pp. 60-67.
- Yang, Jiemian (2005). *Da Hezuo: Bianhuazhong de Shijie he Zhongguo Guoji Zhanlue* (Grande Cooperação: Um Mundo em Mudança e a Estratégia Global da China). Tianjin: Renmin chubanshe.
- Yang, Jiemian (2005a). "Shilun Zhongmei Zonghe Guojia Anquan Hudong Guanxi" (Sobre a Relação Interatuante na Segurança Abrangente Sino-Americana") em Ni Shixiong e Liu Yongtao (eds), *Meiguo Wenti Yanjiu* n.º 4 (Estudos sobre Assuntos Americanos).
- Yang, Jiemian (2012). "Meiguo Shili Bianhua yu Guoji Tixi Chongzu" (A Alteração do Poder Americano e a Reestruturação do Sistema Internacional). *Guoji wenti yanjiu* n.º 2 (Estudos Internacionais). Disponível em <http://mall.cnki.net/magazine/Article/GJWY201202008.htm>.
- Yang, Shouming (2007). "The Rise of China (2)". *Contemporary International Relations*, Mar / Apr. Disponível em <http://www.cicir.ac.cn/english/ArticleView.aspx?nid=813>. Disponível em <http://www.cicir.ac.cn/english/ArticleView.aspx?nid=799>.
- Yang, Yi (2006). "Peaceful Development and Strategic Opportunity". *Contemporary International Relations*, Sep. Disponível em <http://www.cicir.ac.cn/english/ArticleView.aspx?nid=777>.
-

- Yao, Yunzhu (2012). "Bubi Haipa Meiguo Chongfan Yatai" (Não há que Temer o Regresso dos EUA ao Pacífico). *Huanqiu shibao* (Tempos globais), 1 de março.
- Ye, Zicheng (2011). *Inside China's Grand Strategy: the Perspective from the People's Republic*. Lexington: University of Kentucky Press.
- Yee, Herbert e Ian Storey (eds) (2002). *The China Threat: Perceptions, Myths and Reality*. London: Routledge.
- Yong, Deng (2008). *China's Struggle for Status: the Realignment of International Relations*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Yu, Bin (2008). "China's Harmonious World: Beyond Cultural Interpretations". *Journal of Chinese Political Science* n.º 2, pp. 119-141.
- Yu, Xintian (2007). "Harmonious World and China's Path for Peaceful Development" em Wang Zhongchan e Chen Senlin (eds), *World Security Environment*. Beijing: College of Defense Studies, National Defense University, PLA.
- Yu, Zurao (2012). "Xifang Shichang Yuanjiaozhi Zhuyi de Shuailuo" (O Declínio do Fundamentalismo de Mercado Ocidental". *Qiushi*, 25 de dezembro. Disponível em http://www.qstheory.cn/zywz/201212/t20121225_201858.htm.
- Yuan, Peng (2007). "A Harmonious World and China's New Diplomacy". *Contemporary International Relations*, May/Jun. Disponível em <http://www.cicir.ac.cn/english/ArticleView.aspx?nid=813>.
- Yuan, Peng (2007). "A Harmonious World and China's New Diplomacy (2)". *Contemporary International Relations*, May/Jun. Disponível em <http://www.cicir.ac.cn/english/ArticleView.aspx?nid=812>.
- Wang, Chong (2009). "2009: Zhi you Zhongguo Cainengjiu Ziben Zhuyi?" (2009: Ano em que Apenas a China pode Salvar o Capitalismo?). *China Youth Daily*, 25 de junho.
- Wang, Fan (2011) "Buduichen Xianghu Yicun yu Hezuoxing Shiya" (Interdependência Assimétrica e Influência Opressiva na Cooperação: Análise das Táticas de Ajustamento da Estratégia dos EUA face à China). *Shijie Jingji yu Zhengzhi* n.º 12 (Economia e Política Mundial), pp. 43-58.
- Wang, Fan (2012). "US Should Back Up Its Proclaimed 'Good Intentions' in Asia-Pacific with Action". *Xinhua*, 12 de junho. Disponível em http://news.xinhuanet.com/english/indepth/2012-06/03/c_131628241.htm.
- Wang, Honggang (2011). "Meiguo de Yatai Zhanlue yu Zhongmei Guanxi de Weilai" (A Estratégia dos EUA para a Ásia-Pacífico e o Futuro das Relações Sino-Americanas). *Xiandai Guoji Guanxi* n.º 1 (Relações Internacionais Contemporâneas), pp. 9-17.
- Wang, Honggang (2011a). "Building Sino-US Bridge". *Beijing Review*, 18 de agosto. Disponível em http://www.china.org.cn/opinion/2011-08/18/content_23236476_2.htm.
- Wang, Jian (2004). "Lun Zhongguo 'Heping Jueqi' Zhi Keneng" (Discutir as Possibilidades da "Ascensão Pacífica" da China). Disponível em <http://business.sohu.com/2004/05/23/90/article220239064.shtml>.
- Wang, Jisi (1998). "Guoji Guanxi Lilun yu Zhongguo Waijiao Yanjiu" (Teoria das Relações Internacionais e Investigação sobre as Relações Externas da China) em Zi Zhongyun

- (ed), *Guoji Zhengzhi Lilun Tansuo zai Zhongguo* (Incursões sobre a Teoria da Política Internacional na China). Shanghai: Renmin chubanshe.
- Wang, Jisi (2003). “Meiguo Baquan de Luoji” (A Lógica da Hegemonia Americana). *Meiguo yanjiu* n.º 3 (Quadrimestral de Estudos Americanos), pp. 7-29.
- Wang, Jisi (2006). *Guoji Zhengzhi de Lixing Sikao* (Reflexões Racionais sobre a Política Internacional). Beijing: Beijing daxue chubanshe.
- Wang, Jisi (2009). “Wang Jisi Jiedu Meiguo Daxue ji Jinrong Weiji” (Interpretação de Wang Jisi das Eleições Presidenciais Norte-Americanas e da Crise Financeira). Center for International and Strategic Studies, Peking University. Disponível em <http://www.ciss.pku.edu.cn/zh/DocumentView.aspx?id=324>.
- Wang, Jisi (2011). “China’s Search for a Grand Strategy: a Rising Great Power Finds its Way”. *Foreign Affairs* n.º 2, pp. 68-79.
- Wang, Jisi (2012). “China Deserves More Respect as a First-Class Power”. *The Asahi Shimbun*, October 5th. Disponível em <http://ajw.asahi.com/article/views/opinion/AJ201210050003>.
- Wang, Qiang (ed) (2011). *Evolution of International Pattern in Post-crisis Era and the Environment for China’s Peaceful Development – Papers from the Forum on International Situation, 2010*. Beijing: China Institute of International Studies.
- Wang, Tian (2011). “US Uses ‘Hedging’ Strategy to Deal with China’s Rise”. *People’s Daily*, 26 de dezembro. Disponível em <http://english.people.com.cn/90780/7688310.html>.
- Wang, Xiangsui (2012). “Shifts in Global Power Gravity”. *Contemporary International Relations* n.º 1 Jan/Feb. Disponível em <http://www.cicir.ac.cn/english/ArticleView.aspx?nid=4056>
- Wang, Xiwei e Yang Dazhi (2010). “Women Yinggai Zenyang Yangwang Xingkong, Jiaota Shidi” (Como Devemos Supostamente Olhar para o Céu Estrelado com os Nossos Pés Bem Assentes no Solo”. *Jiefangjun bao* (Diário do Exército de Libertação), 17 de junho.
- Wang, Yiwei (2005). *Chinese Tradition of Thinking Power*. Comunicação preparada para a 46.^a Convenção Anual da ISA em Honolulu, 1-5 de março. Disponível em http://www.allacademic.com/meta/p_mla_apa_research_citation/0/7/0/7/6/p70765_index.html.
- Wang, Yiwei (2007). “Hexie Shijie Guan de Sanchong Neihuan” (As Três Dimensões Inerentes à Visão de “Mundo Harmonioso”). *Jiaoxue yu yangjiu* n.º 2 (Ensino e Investigação), pp. 68-70.
- Wang, Wanzheng (2010). “Keep Sino-US ‘Soft Conflicts’ Under Control”. *China Daily*, 4 de fevereiro. Disponível em http://www.chinadaily.com.cn/opinion/2010-02/04/content_9425268.htm.
- Wang, Zaibang (2009). “International Situation 2008: Historic Transformations Highlight Urgent Need for Systematic Readjustments”. *Contemporary International Relations*, Mar/Apr. Disponível em <http://www.cicir.ac.cn/english/ArticleView.aspx?nid=901>.
-

- Wei, Jinhua (2011). "US 'Return to Asia' Raises More Questions than it can Answer". *Xinhua*, 19 de novembro. Disponível em http://news.xinhuanet.com/english/indepth/2011-11/19/c_131256990.htm.
- Wei, Jianhua (2011a). "Commentary: Asia-Pacific Region Needs a Partner, Not a Leader". *Xinhua*, 17 de novembro, 12 de junho. Disponível em http://news.xinhuanet.com/english2010/indepth/2011-11/17/c_131253080.htm.
- Wei, Xuemei (2009). "Zhongmei Guanxi 30 Nian: Huigu yu Zhanwang Yantaohui Zongsu" (Sumário da Conferência sobre os Trinta Anos das Relações Sino-Americanas: Retrospectiva e Perspetiva). *Meiguo yanjiu* n.º 1 (Estudos Americanos), pp. 147-148.
- Wen, Jiabao (2012). "Quarterly Chronicle and Documentation". *The China Quarterly* n.º 210, pp. 544-545.
- Wu, Xinbo (2008). "A Forward-Looking Partner in a Changing East Asia". *The Washington Quarterly* n.º 4, pp. 155-163.
- Wu, Xinbo (2010). "Understanding the Geopolitical Implications of the Global Financial Crisis". *The Washington Quarterly* n.º 4, pp. 155-163.
- Wu, Xinbo (2011). "Cujin Zhongmei Zai Yatai Diqu de Liangxing Hudong" (Promover Interações Positivas entre a China e os EUA na Região da Ásia-Pacífico). *Guoji Wenti Yanjiu* n.º 5 (Estudos Internacionais da China).
- Wu, Chunsi (2012). "Back in Town". *Beijing Review*, 9 de janeiro. Disponível em http://www.china.org.cn/opinion/2012-01/09/content_24358126.htm.